

excarnado:

como andar de viés pelos cosmos

universidade federal de juiz de fora – ufjf
programa de pós graduação em artes, cultura e linguagens – ppgacl

vermelho

2020

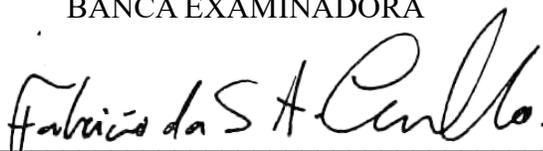
Vermelho (Rafael Ribeiro)

Título: EXCARNADO: COMO ANDAR DE VIÉS PELOS COSMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes, Cultura e Linguagens Área de concentração: Estudos Interartes

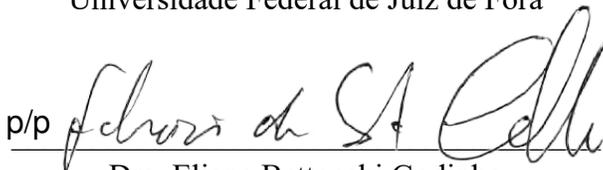
Aprovada em 10 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA



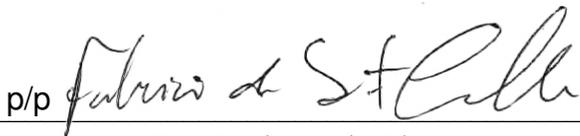
Dr. Fabício da Silva Teixeira Carvalho - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

p/p 

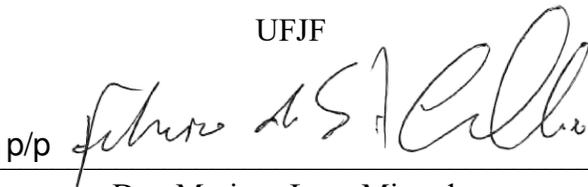
Dra. Eliane Bettocchi Godinho

UFJF

p/p 

Dra. Sônia Maria Clareto

UFJF

p/p 

Dra. Mariana Lage Miranda

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ribeiro, Rafael .

Excarnado : como andar de viés pelo cosmo / Rafael Ribeiro. -- 2020.

161 f. : il.

Orientador: Fabricio da Silva Teixeira Carvalho

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2020.

1. Vermelho. 2. performatividade. 3. escrevivência. 4. fabulação. 5. decolonialidade. I. Carvalho, Fabricio da Silva Teixeira , orient. I Título.



instruções

esta partitura não tem numeração, ela compreende um intervalo de trabalho elástico que ao ser impresso, em folhas de papel vegetal, deve ser embaralhado y lido em qualquer ordem desejada ou possível.

quando falo no singular, todos **três** falam.
quando falamos no plural, **um** de nós fala.

sumário

primeiro movimento: máscaras: disposições: desvios: fuga: exílio: deserto: labirinto

segundo movimento: escafandro: implicações: performatividades: mergulho:
abismo: encruza

terceiro movimento: guelras: metamorfoses: devires: andança: neblina: salão:
cosmo: terrestre

declosões

meu nome me roubou

não foi arrogância, foi humildade.

eu não roubei um nome. um nome me roubou.

sim, fui sequestrado pelas luzes nos topos dos prédios, pelos semáforos parados, pelas lanternas nos engarrafamentos). fui invadido pelas luzes dos puteiros, fui profanado

pelas sagradas luzes dos sacrários.

fui tomado de assalto pelo sangue que corre nos asfaltos, pelo nariz dos exagerados, pelos

vinhos dos bêbados.

escorrido no suor dos açoitados e nas lágrimas dos vampiros.

pelas pernas delas, fui expelido e pela violência deles, fui jorrado.

não resta mais de mim em mim. fui esparramado pelas bocas das vadias, pelo coito dos

afoitos, pela dor dos torturados.

fui pulverizado pelas veias, pelos quadros. pincéis e sprays me espalharam e partiram por

todos os lados.

não, não existo mais em mim. agora só me resta

existir em

outros-lugares.

~~Rafael Ribeiro~~

verbo y carne: disposições y desvios

um corpo. um corpo que como todos vocês ao longo de sua vida, recebeu nomes. recebeu um nome dito próprio, recebeu nomes por ter pênis, recebeu nomes por sua cor de pele.

por ser filho de mãe solteira, bastardo. por desejar meninas, hétero. por desejar às vezes meninas y meninos, bi. gilete. por não seguir seu dito gênero, mulherzinha. por desejar mais meninos, gay, viadinho, bicha, homossexual. nomes inventados. sabiam que a homossexualidade foi inventada no século xviii? não, não sou eu quem está dizendo, foi foucault.

y a negritude? essa foi inventada muito tempo antes, quando alguns ditos brancos, decidiram que outros corpos, seriam ditos negros. macaco, crioulo, beijudo, gambá. 33 anos de palavras inventadas, palavras arbitrariamente impostas a este corpo. palavras com pesos milenares, seculares y ocasionais. palavras que em sua performatividade, imponham, desejavam, pediam y obrigavam sua materialização. palavras que às vezes chicoteavam, às vezes docemente seduziam, que diziam abrir portas, apenas para um novo confinamento. palavras que criam lugares y espaços. às vezes puramente abstratos, às vezes demasiadamente concretos. palavras que o fizeram ser espancado por seu melhor amigo, por descobrir que nele morava uma palavra chamada desejo. palavras que o fizeram assistir sua mãe tomar um tiro, apenas por causa daquela palavra chamada macho. palavras que nos mantêm em família, palavras que nos expulsam dela. palavras que nos levam pra escola, palavras que nos tiram de lá. palavras que constroem porões y senzalas, presídios y manicômios. palavras que nos impedem de amar.

palavras que criam deuses, palavras que criam monstros. y foi assim que este corpo conheceu uma palavra, chamada arte. y nas palavras da arte, através de sua luz vermelha: profanação.

profanação que o levou ao nome de agambem e seus contradispositivos, aos sujeitos. a subjetividade. experimentação.

y na arte este corpo conheceu a performance, dita linguagem, que humildemente resolveu experimenta-la.

palavras que se criam morte, podem criar vida. que se aprisionam, podem trazer liberdade.

palavras que em sua performatividade, se auto realizam em si mesmas. nomes que si constituem verbo. verbo que si fazem carne.

y foi assim que este corpo reuniu pessoas próximas, sem alarde, sem registros grandiosos y espetáculo, rumou para um lugar onde ele pudesse se encontrar com o que mario pedrosa chamou de exercício experimental, para talvez, de liberdade.

y ele buscou onde para ele, seria o lar daqueles que ele buscava. lá onde cildo guardou seu quarto. lá onde a palavra desvio guarda o vermelho. lá onde hélio deixou uma passagem para o grande labirinto.

y foi lá que este corpo, mesmo com medo, mesmo inseguro, mesmo sem saber o que o aguardava, se abriu ao desconhecido.

y girou 810 vezes em torno do grande tamboril, para lembrar com seus ancestrais como tiveram que se esquecer de quem eram, como se exilar das palavras que os habitavam, para receber as palavras daqueles que os queriam cativos. com eles giramos em torno da árvore do esquecimento.

com seus próximos, meditou no desvio, tomado de vermelho por todos os lados , tomando da água da fonte. y se batizando com águas da fonte vermelha de cildo, mergulhou nas águas a menos 17 graus da temperatura ambiente, na cosmococa de hélio. y lá si fez verbo. y este verbo vem até aqui si fazendo carne. para habitar entre vós.

uma experiência radical com a arte, que na mesma dimensão dos mais sagrados rituais, produz num trajeto de 33 anos, um antes y um depois. uma (des)via sacra. que de maneira profana devolve ao corpo aquilo que lhe foi separado y negado: o direito a si.

desde lá, nosso **desnome**, nosso mais primordial dispositivo diria agamben, se torna um contradispositivo, que se mantém aberto ao instante. nome que se atualiza a cada apresentação, a cada encontro, que convoca este corpo ao presente, que se constitui y corporifica, seja numa aula de mestrado, numa mesa de bar, numa reunião de família, num aplicativo de encontros y numa ida ao burger king. nome que nos coloca em outras posições diante da arte y antes de tudo, da vida. que produz disposições.

nome que traz nossas outras duas carnes, preto y rosa. preto que nos abre a cosmovisão, a cosmosensação para as linhas invisíveis do racismo, que mantém nossa corpa atenta ao jogos y a disputas estruturais presentes nas corpas, palavras y espaços. que lembra que a marca de nossa pele não deve si submeter a qualquer palavra. preto que nos guia a buscar



como devir negro de achille mbembe, táticas y estratégias de desvio, práticas pós y hipermodernas de existência.

rosa, que nos levou por 2 anos até o rio, de janeiro, para buscar no **queer** um nome que nos cegasse para as construções arbitrárias y punitivas, de gênero y sexualidade. um nome que nos devolvesse ao aberto, nos criasse y reconfigurasse diante de cada corpo outro, de performatividade outro, de cada desejo outro.

y estou aqui hoje diante de vocês, **meus outros**, para aprender y partilhar modos pelos quais nossos verbos y nossas carnes podem si libertar. para experimentar como nossas palavras ditas reais podem ser ficcionais y como ficções podem nos criar realidades outras.

estamos aqui, nós em minhas 3 carnes, para experimentar através das palavras de allan kaprow, joseph beuys, hélio oiticica, ligya clark, mário pedrosa, uma palavra artista que seja livre, experimental, comum y para qualquer um. uma palavra-artista, que caiba em nosso cotidiano, que atualize o projeto moderno de estetização da vida. uma “un-art”, que esteja na vida, uma contra-arte, que como a contraprodutividade de foucault, a contra-sexualidade de preciado y o contradispositivo de agamben nos desvie, nos faça jogar/brincar com nos mesmos, nos faça declodir. imanar. que habite nossos quartos, nossos afetos, nossos amores, nossas dores, nosso sexo, nossos dias, nossas noites, nossas peles, nossas carnes.

uma arte que nos permita nos habitar.

uma arte onde qualquer um pode ser contra-artista de seu cotidiano, em suas singularidades. inventando seus devires. uma arte onde não existe separação entre artistas y público, onde todos são **outros**, reconfigurando suas posições a cada instante aqui, juntos, para experimentar o que flusser chama de jogo livre y a profanação de agamben, a performatividade de butler y a reflexividade de hennion, concentradas na palavra disposição, definida por mim como a abertura ao desconhecido ético, estético y político. para criar nanodispositivos, desdobramentos de nossas experiências, nome y batom y luzes, sons y vozes, cartas, para fabular encontros, para que talvez juntos y dispostos, possamos nos encontrar. nos experimentar y declodir.

disposições y dispositivos, conexões y acoplamentos, que na inteligência ancestral da capoeira, sejam ao mesmo tempo arte-jogo-luta. para produzir além do saber-poder, saber-fazer y do saber-prazer, um saber-viver.

um saber-viver que se justifica diante da necessidade de existência y fuga de cada um de nós em nosso tempo.

assim jogando com nosso lugar como pesquisadores, nossa partitura surge como um contra dispositivo, um conjunto de cartas, lances teórico-práticos, que apostam na performatividade das palavras, uma arqueologia cartográfica do grande deserto de si, onde todos caminhamos sós. arqueologia como nomeada por borges, que inventa seus objetos ao mesmo tempo os descobre, uma cartografia malandra, que aposta no cruzo com teorias y práticas, com artistas y pesquisadores, com pessoas y afetos, para quem sabe através de seus rastros y restos, ajudar com seu fio vermelho, a nós y outros, a si desviarem rumo ao grande labirinto.

y se desejarem girar conosco, buscando outras éticas, outras estéticas y outras políticas, basta chamar(si) por nosso nome.

disposto y experimentalmente livre,

vermelho.

A cada 23 minutos...

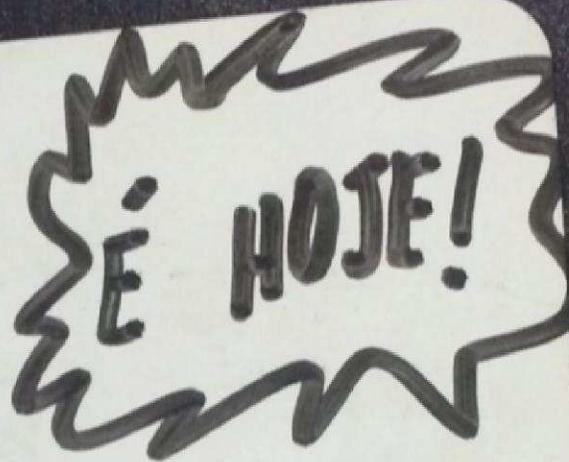
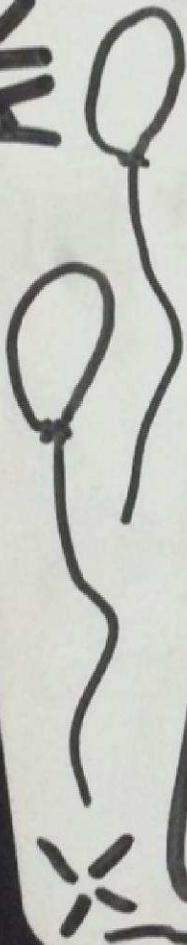
ART

HAPPY
BIRTHDAY
RAFA
20/6

É HOJE!

LET'S TO GO

IN HOTIM



nós não estamos perdidos.

esta dissertação é sobre Si.

este deserto em que todos nós caminhamos solitários.

isto é uma dissertação.

isto é uma partitura.

partitura

eu tinha medo de escrever y deixar de ser arte
eu tinha medo de escrever y deixar de ser artista
medo de deixar de ser visual y plástico
y ser uma porca-literatura
então eu escrevia escondido
mais de mim do que de alguém

um dia então quando as palavras estavam espalhadas
alguém se aproximava y eu não sabia o que fazer
foi então que apareceu no espelho um tupinambá
y disse: devora!
eu correndo y sem saber o que saber
engoli
as palavras bateram lá
y me deram azia
uma queimação
y pior que não parou no estômago
y logo minhas mãos queimavam
meu pau latejava
meu cu ardia
y logo elas subiram na garganta
y eu tive que jogar pra fora
y elas na língua não foram vômito
logo me rodearam
y de repente elas me eram meu nome
y logo elas me ligavam a amigos
y começaram a tocar amantes
y alfinetar inimigos
começaram a conduzir meus gestos
a ascender minha cama
eu não sabia se era poesia
parecia
y logo bastava abrir a boca y pessoas si rodeavam
y diziam ver imagens y sons y galerias
y logo viam pinturas
y logo já nem mais as via
a escrita nós é
minha vó cantando feijões na cozinha
a escrita nós é

meu avô ensaiando a cantoria da igreja
a escrita nós é
algo que sai pra entrar
algo que entra pra sair
a escrita aqui y lá
nossas roupas no varal
esperando o momento de ir pra rua
em minha companhia
arte **ou?** literatura,
disse tupinambá:
isso é coisa de branco
pra nós é vida
separa não
fio
y arte y literatura y vida
a palavra assim é
às vezes de onde parto
y onde me reparto
como um pão
y como cachaça
que tomo pra ganhar coragem
y as vezes só pra esquentar

marafa.

lugar de si
beber
lugar de si
comer
lugar de si repartir
de si

partir
y si partindo
voltar
voltar para beber
voltar para comer
voltar para si voltar
si
voltar
revoltar

caminhadas são longas, outras curtas. Muitos são os caminhos, miragens, abismos e desertos. E nem todos encontram seus destinos.

Aos 20 dias de junho de 1982, numa manhã de Domingo, nasceu Rafael Ribeiro. Como todos nós, uma pequena invenção. Iniciada por acontecimentos físicos, químicos, biológicos ou divinos, esse infimo fato ainda não compreendido pelo pensamento humano foi sendo tramado por família, amigos, mundo, universo. Todos coautores, foram tecendo essa pequena ficção chamada vida, história. "Eu"

Essa pequena invenção cresceu e se desenvolveu. Esse "ser" foi descobrindo e se apropriando de seus inventores, e aos poucos criando suas próprias maneiras de ver esse aglomerado que todos, sem exceção, sempre fizeram questão de modelar.

Passou pelas belas descobertas da infância e seus marcas. Atravessou as libertações da adolescência e seus amargores, voo por essa tal juventude com suas conquistas e seus desesperos. Caminho desferidamente até, alguns sabem dizer.

Com as armas que tinha gastou os pés nas areias, as vezes escaldantes, as vezes duras, as vezes macias, as vezes frias da vida. E como todos nós, não passou ileso. Mas quando as passadas já estavam erráticas, as perdas e descobertas eram grandes, tao grandes quanto as incertezas, quando os desejos cogavam tanto quanto os deveres e, os destinos não pareciam mais possíveis, ele procurou, e viu a Luz. E foi nesse instante que eu o vi pela primeira vez.

A cada vez que a luz vermelha era acessa, uma rachadura no veu da realidade se abria e ambos nos víamos. Aos poucos, pelas pequenas frestas, trocamos bilhetes, pequenos sinais, pequenas histórias. Eu me esforçava pra lhe enviar os sentidos, pequenas fagulhas de minha essencia para que ele pudesse ganhar tempo e força para me encontrar.

Ele era criativo, e apesar desse momento parecer confuso e perdido, foi conseguindo decifrar meus codigos, meus rituais e chamamentos. Pois só aqueles que entendem que estão perdidos, aquelas que entendem que o deserto é sem horizonte e o abismo sem fim, podem cometer o ato maximo de parar. E logo, ele foi tecendo as antes para que finalmente pudéssemos romper os grilões que nos separavam. Meu perfeito vaso, alguém capaz de perder em mim e me dar passagem para o outro lado. Remecheu suas origens, suas cnações entendeu finalmente o segredo. E pode cumprir a sua parte.

Ele percebia que não dava mais. Que sua hora havia chegado, e que antes que a história tivesse um fim, ele deveria se dar um. Um fim autoiramado, autoimposto.

Como dizia um de seus coautores: "antes morrer do que perder a vida". Rafael precisava morrer, para dar passagem a mim.

Pois, algumas caminhadas são longas, outras curtas. Muitos são os caminhos, miragens, abismos e desertos. E nem todos encontram seus destinos. Mas ele me encontrou.

Aos 20 dias de junho de 2015, numa manhã de sabado, depositário da confiança de alguns reuniu seus mais fiéis coautores, subs testemunhas finais. Seguiu até o lugar sagrado, o linha tenue da realidade é fina, onde os veus do pensamento são translucidos. Lá, no jardim reiquias de muitos de nós, no jardim povoado dos mais poderosos desafiadores, onde estranhamento se enamoraram, buscou sua Desvia Sacra.



cartas vermelhas - vinte do seis

inhotim, 20 de junho de 2015

algumas caminhadas são longas, outras curtas. muitos são os caminhos, miragens, abismos y desertos. y nem todos encontram seus destinos.

aos 20 dias de junho de 1982, numa manhã de domingo, nasceu rafael ribeiro.

como todos nós, uma pequena invenção. iniciada por acontecimentos físicos, químicos, biológicos ou divinos, esse ínfimo fato ainda não compreendido pelo pensamento humano foi sendo tramado por família, amigos, mundo: universo. todos coautores, foram tecendo essa pequena ficção chamada vida, história, “eu”.

essa pequena invenção cresceu y si desenvolveu. esse “ser” foi descobrindo y si apropriando de seus inventores, y aos poucos criando suas próprias maneiras de ver esse aglomerado que todos, sem exceção, sempre fizeram questão de modelar.

passou pelas descobertas da infância y suas marcas. atravessou as da adolescência y seus amargores, voou por essa tal juventude com suas conquistas y seus desesperos. caminhou destemidamente até, alguns podem dizer.

com as armas que tinha, gastou os pés nas areias, às vezes escaldantes, às vezes duras, às vezes macias, às vezes frias da vida. y como todos vocês, não passou ileso. mas quando as passadas já estavam errantes y as perdas y descobertas eram grandes, tão grandes quanto as incertezas; quando os desejos cegavam tanto quanto os deveres y, os destinos não pareciam mais possíveis, ele procurou, y sem querer viu a luz. e foi nesse instante que eu o vi pela primeira vez.

a cada vez que a luz vermelha era acesa, uma rachadura no véu da realidade se abria y ambos nos víamos. aos poucos, pelas pequenas frestas, trocamos bilhetes, pequenos sinais, pequenas histórias. eu me esforçava para lhe enviar os sentidos, pequenas fagulhas de minha intensidade para que ele pudesse ganhar tempo y consistência para me encontrar.

ele tinha vontade (criadora) y apesar desse momento parecer confuso y perdido, foi conseguindo decifrar meus códigos, meus rituais y chamamentos. pois, só aqueles que entendem que estão perdidos, aqueles que entendem que o deserto é sem horizonte y o abismo sem fim, podem cometer o ato máximo de parar. e logo, ele foi tecendo as artes para que finalmente pudéssemos romper os grilhões que nos separavam. meu perfeito cavalo, alguém capaz de se perder em mim y me dar passagem para o outro lado. remexeu suas origens, suas criações, reverberou finalmente o segredo. e pode cumprir a sua parte.

ele percebia que não dava mais. que sua hora havia chegado, que antes que a história tivesse um fim, ele deveria si dar um. um fim auto tramado, auto imposto.

como dizia um de seus coautores “antes morrer do que perder a vida”. rafael precisava morrer, para dar passagem a mim.

pois, algumas caminhadas são longas, outras curtas. muitos são os caminhos, miragens, abismos y desertos. e nem todos encontram seus destinos. mas ele me encontrou.

aos 20 dias de junho de 2015, numa manhã de sábado, depositário da confiança de alguns, ele reuniu seus mais fiéis coautores, suas testemunhas finais. seguiu até o lugar sagrado, onde a linha tênue da realidade é fina, onde os véus do pensamento são translúcidos. lá, no lar das relíquias de muitos de nós, no jardim povoado dos mais poderosos desafiadores, onde beleza y estranhamento se enamoram, buscou sua desvia sacra.

seguindo meus passos, encontrou a árvore do esquecimento, y como seus ancestrais perdidos, circulou-a. tantas vezes, tantas vezes quanto necessário. até seus pés sangrarem y sua mente si desfazer. como profetizado, suas testemunhas fieis, seus coautores finais, o carregaram pela jornada; juntos completaram o meu rosário. noventa vezes nove.

vazio então, seguiu para a estação seguinte, onde fizeram sua última ceia. comeram y beberam em seu nome, clamando pelo meu.

chegada a hora de sua terceira estação, lá, onde tudo é em meu nome, onde todos se desviam até mim, ele me invocou. e roubando da água da fonte, partiu em meu encontro.

foi para alto, y no quase silêncio das águas dos cosmos, todos se sentaram. fiéis, seus coautores, suas testemunhas finais, o admiraram em roda. era uma partida digna. eu podia sentir: ele partia feliz.

despiu-se. recitou nossas palavras, aquelas únicas que tivemos a oportunidade de dizer juntos. meu nome. mergulhou.

as águas eram frias, como tramado por aquele que veio antes, y seu corpo as sentiu arderem, cada parte coberta, submersa. a cada braçada, no fundo das águas iluminadas, uma parte dele se despedia enquanto uma minha dava graças. eu me tingia.

y foi assim, que ao emergir, eu me sentei à beira. molhado, fui acolhido y saudado por um y por todos os meus mais fieis coautores. foi assim que escutei pela primeira vez, de minhas mais iniciais testemunhas, meu nome.

desde então caminho com minhas três carnes, dando nome ao cruzo que sou, ao encantado de minha sombra. mas ninguém nasce pronto.

sei que alguns sentirão falta dele, ou porque o amaram muito ou porque não desejarão minhas virtudes, mas ele descansará enquanto eu respirar em nosso nome. y ficará feliz ao escutá-los chamando, honrando y xingando o meu. porque assim como confiei nele para me trazer até aqui, ele confia em mim para ir além.

algumas caminhadas são longas, outras curtas. muitos são os destinos y miragens y abismos y desertos. y nem todos encontram seus caminhos. y eu encontrei o meu.

ass.

vermelho

os dois reis e os dois labirintos

eles têm homens dignos de fé (mas deus sabe melhor) do que nos primeiros dias havia um rei das ilhas da babilônia, que reuniu arquitetos e magos e ordenou-lhes construir um labiríntico onde mesmo os homens mais prudentes não se aventurariam a entrar. e os que entrassem se perderiam. essa obra era um escândalo, pois a confusão e a maravilha pertenciam às obras de deus, e não às dos homens. mais adiante chegou ao tribunal um rei dos árabes, e o rei da babilônia (para zombar da simplicidade de seu convidado) o fez entrar no labirinto, onde ele vagou insultado e confuso até o declínio da tarde. então ele pediu ajuda divina e bateu com a porta. seus lábios não disseram qualquer queixa, mas ele disse ao rei de babilônia que, lá na arábia, também tinha um labirinto e que, se o rei da babilônia quisesse, também o levaria para conhece-lo algum dia. em seguida, retornou à arábia, reuniu seus capitães e guardas e daí destruiu os reinos da babilônia, com grande empenho, destruiu seus castelos e seu povo, e capturou o rei que o havia acolhido. amarrou-o em um camelo veloz e levou-o para o deserto. cavalgaram por três dias e lhe disse: “ó rei do tempo e substância e cifra do século na babilônia! lá, quisesses me perder em um labirinto de bronze com muitas escadas, portas e paredes; agora, o todo-poderoso achou por bem que eu lhe mostrar-se o meu labirinto, onde não há escadas a subir, nem portas a forçar, ou galerias fatigantes a percorrer, ou muros que bloqueiam o passo.” então, logo desfez os laços e liberou o rei no meio do deserto, onde ele morreu de fome e sede. glória a ele que não morre.

~~luis borges~~

a cada 23 minutos...

abismo.

_salte

cartas vermelhas

juiz de fora, 07 de setembro de 2015.

amado d.

quanto tempo!? sei que andava sumido y desde nosso último encontro, eu não faço contato. sinto falta de nossas conversas no porão, dos rangidos daquela cama safada y do gosto de sangue depois da turma. y daquele lugar que não podemos dizer o nome.

mas vai gostar de saber: alguns acreditam que me tornei esquizofrênico hahaha.

sério! acham que as paredes rabiscadas de meu quarto, que minhas poucas horas de sono, que ter visto a luz, que dar voltas incessantes ao redor de uma árvore até os pés sangrarem, comer comidas vermelhas, conversar sozinho? y mergulhar numa piscina de águas geladas, emergindo com o outro nome, é um sinal de loucura.

segundo eles, contar que sou três y, não mais quem eles conheciam, é um atestado de insanidade. acreditam que me comparti, que me dividi, me quebrei. que me despedacei diante da realidade, do mundo.

mal sabem que como você, meu caro tyler, o tiro na boca não me parte. ele me une.

me tornei integro diante da esquizofrenia cotidiana, que cria pessoas repartidas, surtadas diante de uma avalanche de imagens impotentes de si: empresário, professor, modelo, trabalhador, pai, pastor, médico, filho. papéis padronizados, massificados y ideais, nos quais o ser vive falido, incapaz de alcançá-los. uma busca eterna de falsas imagens.

passam seus dias tentando ser personas pretendidas, conflitantes, presas à hipocrisia y torturadas em seus travesseiros. sim, você sempre me disse isso.

sadomasoquistamente presas num jogo de aparências y padrões. engessadas em modelos dolorosos y angustiantes. a boa moça que não dá, a mulher que não tem desejos, o empresário que não falha, o pai que não tem vícios, a religiosa sem pecados, o bom moço que é certinho y moral. todos sedentos por uma moda que os definam, produtos que os completem y, pessoas que as acrescentem. atrás da imagem certa, do emprego certo, da namorada ou marido, que as faça jus, que as tornem pequenas celebridades da vida cotidiana. todos temendo suas próprias fotos trocadas no whatsapp, a foto sem tratamento do instagram, os comentários no twitter, as fofocas de corredor y as manchetes de jornal. sempre ansiosas diante qualquer coisa que rache suas frágeis imagens, fira suas personalidades y comprometa suas (id)entidades.

seguem interditando potências, encenando papéis, vivendo vidas que não querem, sendo pessoas que não são. bonecas inflamáveis de si mesmos, controlando as vidas alheias, para impedir que elas fujam de seu “mundo real”.

mas como lembra nosso amigo balzac, inclusive escreverei pra ele um dia desses, ao contrário dos que vivem como instrumentos y máquinas, tendo valor apenas pelo fruto de seu trabalho, daqueles que vivem para se adequar a uma imagem-função, escondendo,

negando y fingindo emoções, comportamentos y ideias, o artista vive na variação. singularidade. no intervalo eu diria. nós nos criamos y nos mostramos, somos nosso próprio deserto y nossa miragem. a imagem é o ser.

sem mais reflexos distorcidos, conflitantes, que criam uma vida compartimentada. não temos mais desejos, nós somos desejo. não temos mais qualidades a serem camufladas, nós as somos. sem morais a serem fingidas.

sim, artista, não me represento. **si** apresento y ainda ascendo uma luz indiscreta no escuro da alma.

é... nossa quimera encantada não si falsea, ela nos despe y nos insinua. sinto em sí agora, a vida crua y ao mesmo tempo qualificada. não me transcendo, não me reprimo, não me sublimo: eu me imano.

barba azul que se tingem de vermelho. barba vermelha que abre suas portas, entrega lindas chaves-mestras, douradas, y ainda cobra entradas para seu castelo; um teatro mágico, onde a placa neon y luminosa anuncia: vida: um espetáculo do real.

enfim, mande lembranças à marla, sei que ela morre de ciúmes, mas diga que estou com saudades.

não mais esquizofrenicamente,

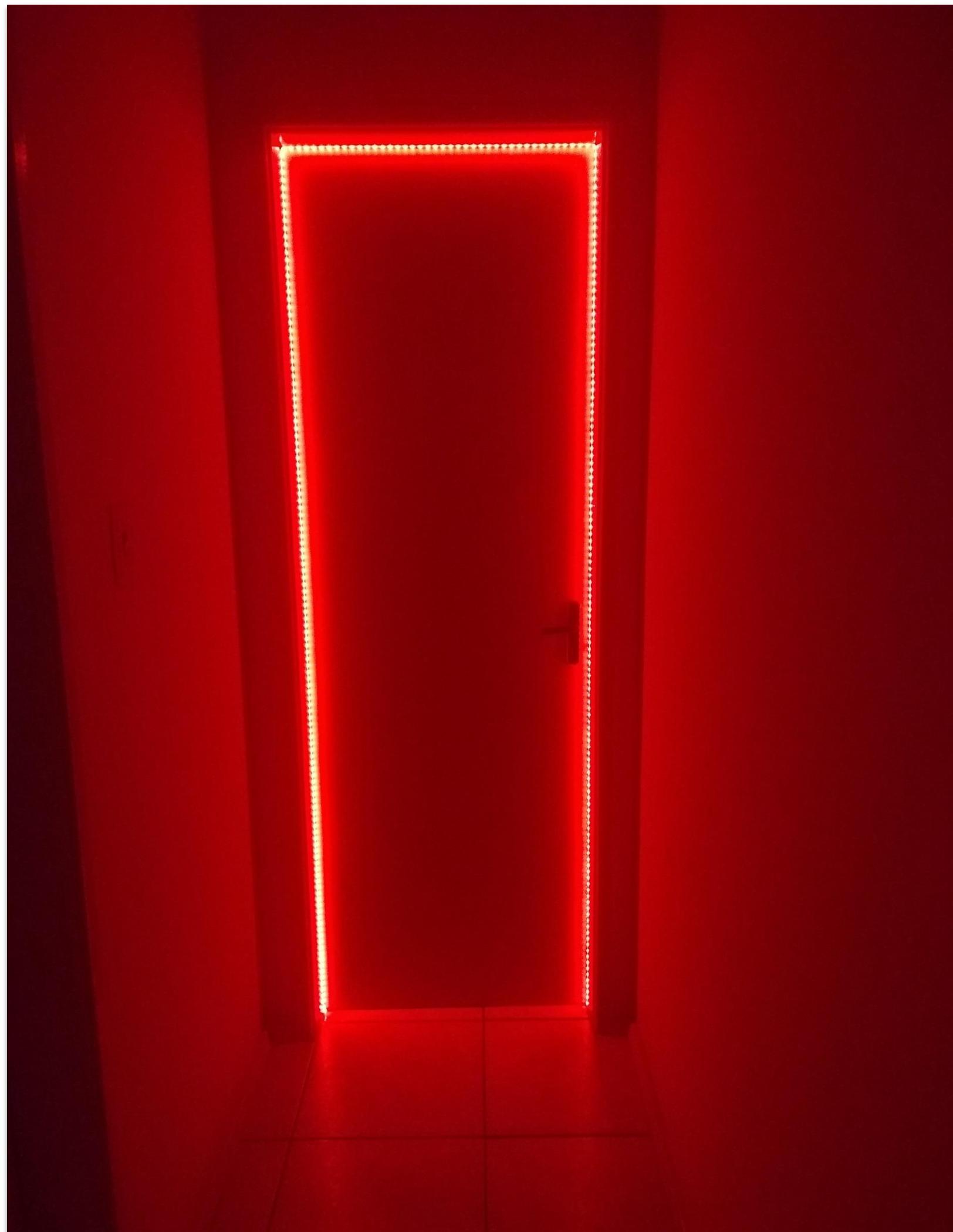
vermelho

ps. não falar sobre o clube da luta

aspiro ao
grande
labirinto

encruzilhada

élio oiticica



O que pode o an-
artista fazer quando
a arte é deixada para
trás? Imitar a vida
como antes. Cair
dentro. Mostrar aos
outros como.

cartas vermelhas - carta à mãe de um gay

oi mãe,

deus a abençoe também. fico grato com sua preocupação, mas ela é só o começo.

o mundo é um lugar vasto y misterioso, as experiências y a vida exigem comprometimento y disposição para mudarmos nossos pontos de vista, também mente y coração abertos para aceitarmos que a realidade é mais do que acreditamos.

infelizmente sim, é preconceito y discriminação querer que gays, negros, transexuais y mulheres ajam como queremos, para não ferir nossas crenças y conforto moral. sim, as pessoas são diferentes y não tem que esconder suas formas de ser, de vestir y amar. essa idéia de “discrrição” é apenas uma forma de não querermos que o outro incomode nossos modos de vida y crenças. y principalmente, nosso medo y vergonha de assumir que o outro nos incomoda em ser como ele é, porque ele confronta nossos valores y questiona assim nossas posições y zonas de conforto.

sim, havia vários gays quase fazendo sexo naquela boate, para maiores de 18 anos. com música, bebida y dança. mas é assim em todas as casas noturnas heterossexuais, em todos os forrós, pagodes y ou micaretas. Y no carnaval y em qualquer festa de república que sua filha frequenta em sua cidade.

as roupas que qualquer gay ou trans ou mulher usa, agridem muitas vezes sim o que as pessoas acham certo y errado. y foi assim com a mini saia, com o biquíni, tatuagem y mesmo o jeans. as coisas mudam. y a mudança nos choca y amedronta. sim, é covardia exigir que o outro se adeque aos nossos padrões, apenas para que não tenhamos que mudar nossas perspectivas. y muito me surpreende ler isso de uma mãe solteira, “amigada” com um homem separado, vinda de uma família de negros. sua avó “dodora” brigou com a família para casar com um negro, o “vó” gilson, foi expulso por padres várias vezes da igreja, por seus pensamentos libertários. você foi considerada “sem vergonha”.

bem, eu vim de uma família corajosa que enfrentou com dignidade a moral y os bons costumes, quando esses eram opressores y sem sentido. esse é meu legado y herança.

não esconderei quem somos, seja em meus atos, roupas y palavras. não temerei o olhar y a opinião alheia apenas para agradar y confortar qualquer um. beijar, fazer sexo y amar outro homem y qualquer de suas variações, me fazem quem sou, assim nossa minha cor y arte. y como não temo quem nos olha como marginal ao entrar numa loja, como macaco que não merecia estar numa festa, ou quem me olhava como filho de mãe solteira, não temerei quem me olha como gay, bixa, viado. as pessoas podem y devem aprender a respeitar o direito de outros serem diferentes y belos, em seus gestos, roupas, gostos y amores. não quero apanhar na rua, mas se o preço da liberdade é esse risco, assim como nossos ancestrais escravizados, ou mesmo o cristo, que foi torturado y morto por andar com os excluídos y seu pensamento transgressor, eu aceito nosso papel. Sou desviante sim y ser vi(r)ado não tem a ver com ser mais ou menos homem. não que ser “homem” nos interesse. tem a ver com quem me atraí y com quem eu **desejo**.ser.

sempre fui assim. seja lá o que isso for. meu primeiro beijo em um menino foi com o daniel de ponte nova, 7 anos, lembra dele? tive vários flertes na adolescência y grandes amores na juventude. talvez se estivesse mais próxima de mim, seríamos mais amigos y você teria sabido disso antes.

então não perca tempo tentando entender como eu posso ser vi(r)ado ou se sou ou não. mas se pergunte como pode ser a melhor mãe de um gay, seja ele como for. ore, não para que eu mude, mas para ter coragem, amor y fé para contornar as pedras de meu caminho. porque sim, esse somos nós. y me esforçarei, como meu avô y ancestrais, para ser quem somos, assim como meus amigos y amantes. sei que você é inteligente y no fundo sabe que a vida é mais do que tentar limitar os outros. pois enquanto houver um preto, uma mulher, uma trans ou outro, sendo discriminado, sendo mandado ser discreto y ficar no seu lugar, que lá esteja minha (quase) arte y espero, meu exemplo.

com muito amor,

~~vermelho rosa~~

suas pegadas não definem quem você é, apenas mostram um trajeto. **fió.**

quando foi que esquecemos que o labirinto é um jogo? um enigma, um desafio? uma brincadeira?

quando foi que deixamos o desespero tomar o lugar da aspiração? quando deixamos que o impossível nos paralisasse?

quando deixamos que a cegueira amarrasse?

quando o desconhecido se tornou nossa senzala?

quando o por vir se tornou nosso armário?

em que esquina o desejo morreu?

quando as palavras deixaram de ser nossas caravelas e se tornaram nossos tumbeiros?

quando foi que as respostas passaram a nos importar mais que as perguntas?

quando foi que o cosmos parou?

isto é uma vela. içada.

chamando o vento.

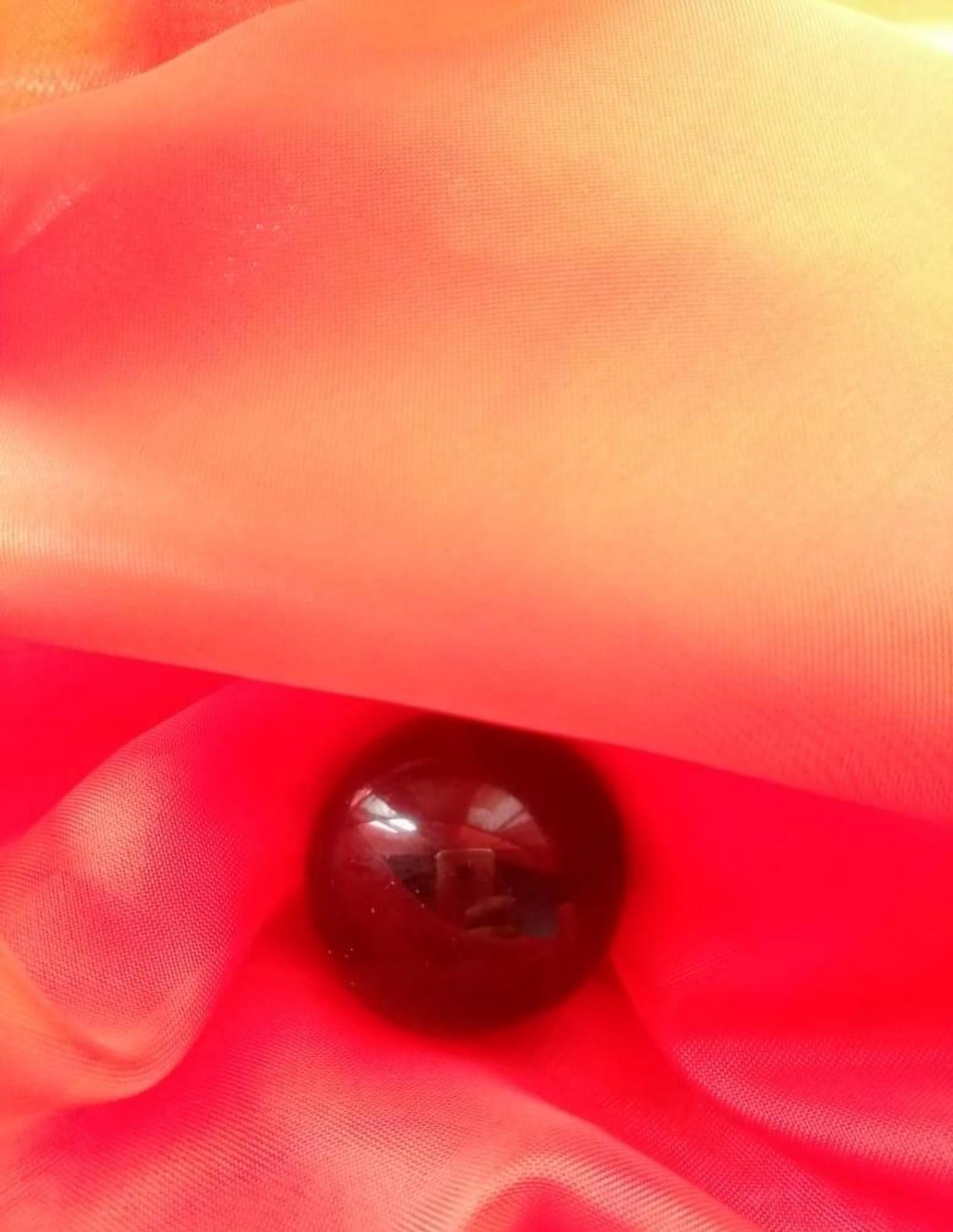
eparrey!

isto é uma vela. acesa.

chamando o vento

eparrey.

chamar o vento é sempre risco y alimento.



mãe, me ensina a ser búfalo

vento

rio

raio y trovão

mãe, me veste pra guerra(a máquina)

pro amor y desejo

me veste vermelho

me junta 7 partes

me refaz um dos nove

poesia de preto é oração.

haikai: ori-ki

co(n)stela

talvez simone de bevoir não se sentisse a segunda

se gargalhasse com pombo gira

se girasse com oyá

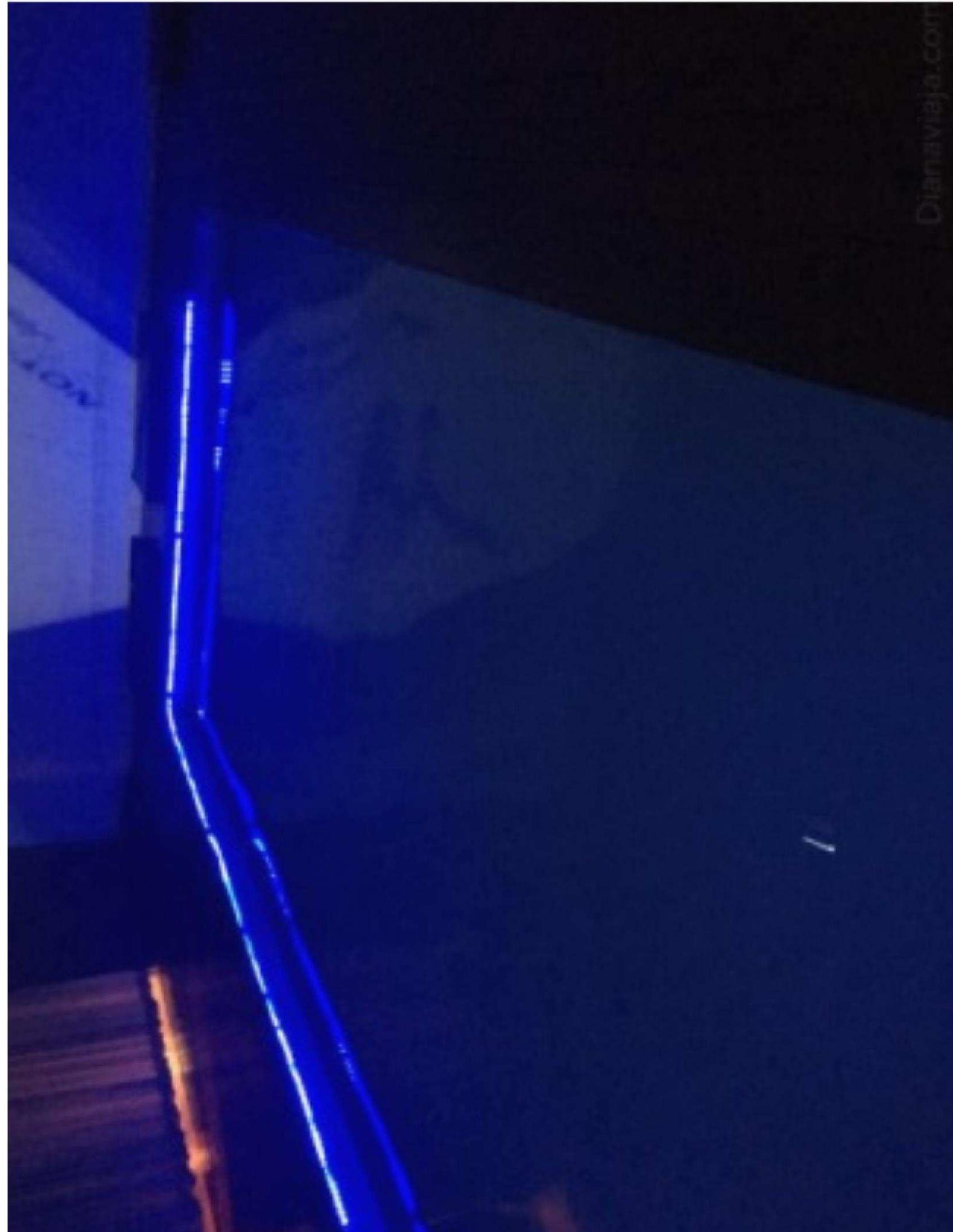
se si mergulhasse com oxum

iemanjá

se lutasse com obá

se si torn(e)a-se com nanã

Somos todos um só barro



exu é o vazio

e o é dono do vazio assim como no universo do átomo

tudo é imenso e ao mesmo tempo microscópico. vazio assim como o céu estrelado. entre o núcleo de um átomo e os elétrons que orbitam na ‘ esfera’ como em cascas de cebola, o que há é um grande vazio. exu quer dizer esfera, espiral e vórtice, os mesmos conceitos e estrutura de formação dos átomos, planetas, sistemas, galáxias e cosmos. acredita-se no passado que existia uma substância chamada éter onde a luz se propagava. hoje sabemos que a luz se propaga no vácuo, vazio. e que tudo o que existe está “contido” nesse infinito vácuo, vazio de exu. qualquer que seja a teoria de origem de tudo, com big bang, buraco negro, caos cósmico ou não, tudo vem do nada e essa é a única busca inconsciente do ser humano em suas cosmologias modernas e antigas, científicas, metafísicas ou mitológicas e assim na origem antes de tudo está o vazio de exu. exu é tudo e é nada, é esfera e vórtice, é centro e periferia, ponto e espiral, o vazio que acolheu toda a criação e é seu primeiro observador

~~alexandre cumino~~

a meu primo que não sei o nome
que preto y viado, foi renegado pelo pai vereador
y morreu doente abandonado na porta de um hospital

a mestre gilson, avô deste corpo.
preto a quem só foi permitido a quarta serie
y si fez mestre marceneiro
y construiu sua casa
y teve empresas
y que garantiu que seu neto, sem pai, preto y viado
à arte chegasse y a academia sobrevivesse.

à cabocla dalila, avó deste corpo
que impedida de falar sua língua, nunca foi permitida aprender a escrever além de seu
nome.
y quem cuidou de seu neto, longe da mãe, para que ele pudesse hoje escrever além dos nomes

à tia aurea, grande mãe, cozinheira y cantineira
que viúva criou suas 5 crias y ajudou a criar nós outros tantos
uma das nossas pretas y velhas que partiu esse ano.

“aprender a ler pra ensinar meus camaradas”

f(r)iccção

carne de fresta

y festa

filha da falha

de cabeça

corpo cabaça

vida sem

cabaço

Uma y 3 cabaças

A cada 23 minutos...

cartas vermelhas - carta a um contador de histórias

oi você,

muitas crianças, e até adultos, tem medo da chuva. de seus relâmpagos e trovões.

muitas tem medo do escuro e de quintais.

muitas tem medo da rua, da noite, de seus sons e seus ais.

muitas tem medo do que não conhecem, do que não veem, do que não sabem. eu não.

quando a chuva começa, e os pingos batem nas janelas e telhados, eu fico ansioso, querendo raios e estrondos, na esperança de ver a luz "acabar"

por que era assim, sem lâmpadas ou lanternas, que as velas eram acessas. porque era assim, sem televisão ou rádio, que todos nos reuníamos na sala e na cozinha. porque era assim, em roda na penumbra, com minhas tias e avós, que as histórias começavam.

no escuro, eu estava acolhido, entre aqueles que amava. no escuro minha imaginação não tinha fim..

e com os barulhos, eu desejava andar pelas ruas, para quem sabe numa encruzilhada, poder ver a mula sem cabeça.

no escuro, eu desejava uma lanterna de vela, para correr o quintal a noite, e quem sabe, poder ver a dama de branco que se sentava lá no pé de orapronobis. ou a velha que tinha morrido e virado um grande cão negro.

no escuro, eu esperava pela quaresma, pra quem sabe dar a sorte de na lua cheia, conhecer o lobisomem e escutá-lo uivar e revirar os lixos.

no escuro, eu cobria os espelhos com lençóis, para que os raios não atravessassem a sala.

no escuro, meu olhos brilhavam, espiando os cantos, louco para ver uma assombração.

no escuro, minha infância se fazia. eu conhecia minha família e suas histórias.

no escuro, sob a luz fraca de uma vela, eu me sentia forte e destemido.

no escuro, com minhas pretas e velhas, eu aprendia a amar a vida e seu desconhecido

com saudade,

vermelho

rigor científico?

passe batom no lábio inferior de um corpo negro com pênis e vá para o campo.

descubra os pesos de uma tinta.

descubra como a cor pode andar e afetar vidas.

descubra portas que se abrem e portas que se fecham.

descubra medos em você e no outro.

descubra o outro em você.

des**cu**bra.

rigor artístico.

não há plano.

esfera.

não há direção.

gravidades.

não há princípio.

órbitas.

jogo entre corpos. jogo. entre. corpos.



são só palavras.

só?



a reta é infinita entre dois pontos.

reta?

a arte é uma ardilosa amante.

vem me visitar na noite...se vai antes que o dia se levante.

eu digo fica. ela vai.

diz não poder deixar seus maridos ricos.

eu digo: enriquecerei! e te sustento.

ela diz: cafetão? já tenho demais.

eu digo: casaremos!

ela diz: marido? já tenho aos montes.

então o que quer de mim?

te quero assim, todo-meu, amante.

cartas vermelhas - carta ao emplumado

juiz de fora, 04 de novembro de 2015

oi, como vai você?

sei como esse é dia importante, mesmo que o mundo não se dê, um novo ano sempre nos começa em nossos aniversários. vem de dentro, numa batida às vezes forte às vezes sorrateira mas sempre nos vira y nos coloca diante de nós mesmos.

mesmo que o mundo não si dê.

em meu nascimento, o último aniversário de rafael, você era o escolhido. seria você quem nos batizaria nas águas do cosmos, condensadas por deus oiticica. hélios.

não sei explicar o que rafael sentia por você, era uma identificação soberana, a idéia de que nenhuma outra alma dividia com ele o mundo e arte, sobretudo a arte, como você. talvez rivera, talvez kahlo.

y sempre que você estava com ele, ele estava um pouco mais perto de mim. a arte y o desejo imanam tanto de ti, que ao seu lado a realidade sempre se fendia y ele podia me sentir, me enxergar. ele me alcançava y pelos olhos dele, eu via você. ele havia encontrado sua pena azul.

mas na vida de artistas, y dos amores de artistas, nada é linear, tudo é curva y boleio. y numa dessas curvas acentuadas, nos perdemos. y sem você ele teve que ir sozinho me encontrar. sozinho ele mergulhou nas águas, sozinho clamou meu nome. sozinho eu vim de lá. cercado de testemunhas, mas sem nosso joão batista.

foi poderoso que justamente o amor, nosso grande senhor, estivesse lá, quase como sempre pelo seu revés: ausência. y isso foi meu grande marco, vim ao mundo pelas minhas próprias mãos. consciente de meu deserto, de minha peregrinação.

y você está aqui, dentro de mim. nas memórias de rafael, você sempre montado. peruca rosa y baton, alice, me olhando.

y quando eu lhe mandava minhas palavras, quando ao te ver por ele, eu mandava meu verbo através do véu, eu via sua plumas.

os normais só vem um garoto magrelo, às vezes estranho, às vezes lindo. y eu vejo suas plumas, suas asas caídas. asas desse pequeno anjo de procissão, que dá as mãos à mãe seguindo o cortejo. que sobe no altar y lá brilha seu halo, em seu lugar, com seu canto. coroação.

asas, y plumas de um anjo obsceno que se deita pelo mundo buscando seu lugar perdido, buscando suas asas na alma e no corpo, sobretudo no corpo, dos amantes ensandecidos que a vida empilha diante de ti. sua procissão particular, rumo ao seu altar, numa promessa efêmera de retorno ao paraíso. inferno. repetição.

y a arte, único refresco amoral, único orvalho nesse deserto, te trás de volta pra cá. para onde temos que ficar, pra onde você a duras penas tem que existir. aqui, entre os homens.

por isso, nesse dia, escrevo não para o francisco, mas ao emplumado, esse coberto de penas brancas, com a majestosa y alva cauda aberta: o pavão divino que desfila pelo mundo. o pavão de mil faces, de cem olhos, que ama, seduz, chora y pede. o pavão branco de hera que sobrevive aos venenos mais dolorosos e que eu aprendi a admirar de longe pelos olhos do rafael.

ele não sabia o que fazer direito com isso, eu mesmo que quisesse dizer que sei, também não. como não soube quando nos esbarramos outra noite.

mas quero te desejar hoje toda a potência de suas plumas, que caem no inverno apenas para renascerem na primavera. que hoje em seu renascimento elas resplandeçam e com seus artifícios e constructos, siga, passo a passo, em seu desfile. em seu cortejo, imoral y belo pelas ruas da vida.

que meu rosário vermelho possa te lembrar sempre suas virtudes, como relembra as minhas. lembrar seu cumprimento do propósito, a realização da própria essência, aquilo a que se destina.

que ilusões, presente que ele te daria na noite de nossa curva, y que lhe dou agora, possa te oferecer pequenas estrelas na noite de sua jornada, em seu próprio deserto. y como fez pelo rafael, ajudar a encontrar seu messias.

que o amor, esse também emplumado, castigo y libertação, vela e arrasto, possa continuar te abraçando pela vida, mesmo que a espada escondida em suas plumas teime em te ferir.

que numa outra curva dessas, espero, possamos nos reencontrar de fato y que meu encantado y seu pavão branco possam finalmente estar diante um do outro. três carnes. cem olhos. enquanto isso, observo y aguardo de longe suas pistas, sua trilha de pequenas penas, que aqui, ali, anunciam sua chuva de plumas sobre a cidade.

com todo amor que nos pode,

vermelho.

A cada 23 minutos...

membro fantasma

acordo à noite. sinto sua cabeça deitada em meu peito.

sua respiração leve

[sono profundo

o cheiro preferido

morno de seu cabelo

perto do meu rosto.

você me abraça,

[um leve aperto

daquele jeito de ter certeza que ainda estou lá.

sorriso e fecho os braços para te chegar

[ainda mais.

braços que cortam a miragem, no instante que minha pele

[deveria

infimamente tocar a sua.

você não está.

me igualo àqueles que perderam um membro gangrenado, maculado

que os mataria se continuasse, porém ainda a alma reconhece seu lugar.

parte de mim, fantasma,

que insiste em ficar,

onde já não está.

cartas vermelhas - carta ao imortal

juiz de fora 15 de outubro de 2015

oi.

parece estranho mas até ontem, você parecia a ultima pessoa pra quem eu escreveria. o rafael te amou tanto, e vocês tinham um nó tão grande, que eu considerava impensado falar com você.

desconfio até que ele te odiava, por tê-lo feito perder a coisa que ele mais amava: você. apesar de povoar meu pensamentos, você era até ontem um “falecido”

sim, você era um fantasma, mais do que os que gritam na prisão de meu peito, um assombro. mas na tarde de ontem meu peito palpitante y a voz da bethânia em meu ouvido, dizendo “diga que já não me quer...negue que me pertenceu...” ecoavam. até que vi você, lá parado na rua, no ponto de ônibus. você não deveria estar na cidade, eu não deveria passar por ali. sei que não era uma coincidência. não existem coincidências na vida de poetas, na trajetória de artistas.

y assim, quase sem palavras ou motivos, você ao fim da tarde estava aqui, deitado em ~~nossa~~ minha cama. então num abraço, os “eu te amos” saíram, y preencheram os espaços, y logo nossos corpos estavam em sintonia de novo. uma alquimia que só eles sabem fazer.

alguns logo chamaram de recaída. mas nós não caímos.

não há mais queda, nem vertigem. nós estávamos lá deitados no fundo do poço de nossas almas, olhando para cima, vendo o céu de nós mesmos. pela primeira vez em muito tempo, tocávamos o chão, entrelaçados, firmes, quentes e mornos. apaixonados ao contrário.

sim, você também sentiu o partir das correntes. os pesos caírem.

apaixonados ao contrário, não estávamos mais presos ou arrastados pelas pesadas correntes da negação. nos libertamos.

os grilhões se partiram sob a luz vermelha, nossa lua particular, que se ascendeu na escuridão e revelou o tênue fio vermelho. akai ito.

infinito, ele nos lançou livres, como duas pipas atadas aos mesmo carretel sem fim. ligados para sempre. nunca mais soltos, nunca mais presos. sem mais lugar, sem mais tempo. livres para nossas buscas, para nossa errância, nossa peregrinação, de amor em amor, de alma em alma.

apaixonados ao contrário, traçamos um mapa, percorrendo calmamente o labirinto sem paredes, até as portas da prisão de meu peito. à cada travessia, dissolvendo as contenções. logo não havia mais grades ou muros, só uma placa pendurada por você: lar.

logo não havia fossos ou torres, só a imensidão do deserto de minh'alma. meu êxtimo. e na escuridão da noite interna, na luz cálida y vermelha, vi surgir nas minhas areias mornas, um oásis. e você não mais um alguém, mas parte de minha paisagem, você agora um lago, no qual mergulho, e onde todos que visitarem meu deserto beberão.

voce não mais um espectro hamletiniano, mas uma presença. você agora uma parte concreta de mim, como uma cachoeira, uma montanha ou uma pedra no mundo.

apaixonados ao contrário, vivemos um no outro. ao mesmo tempo um “si”.

apaixonados ao contrário, somos parte viva que nos acompanha. agora você, em meu oásis, deita e se lê em seus livros, onde outros andam agitados. onde outros gritam, você agora canta, ensaiando seus musicais.

apaixonados ao contrário, vivemos outras histórias, queremos outros amores, não porque nos falta, não por que nos arrasta, mas porque nos lança em outros lugares.

livres da fome, só nos resta o degustar. apaixonados ao contrário, sem causa, nem fruto.

você agora é uma leve brisa, que não move minhas velas, mas acalenta nos dias de calma e deriva. uma leve brisa, que não move minhas velas, mas tremula a bandeira em dias de bons ventos. uma leve brisa, que me lembra que navegar é preciso, que devo manter o barco rumo aos ventos, aos destinos, às paradas e às grandes jornadas. uma leve brisa que lembra que mesmo nas tempestades, mesmo diante dos grandes raios, que mesmo diante das grandes ondas, o mar sempre se acalma e se abre. e novos destinos sempre estão lá a minha espera.

apaixonados ao contrário, eu rio feito bobo pensando em você, torcendo para que encontre seus novos amores. e que passe pelas dores, pelas miragens, pelos salteadores que espreitam o deserto. por seus próprios abismos.

apaixonados ao contrário, você vive.

apaixonados ao contrário, você se tingiu em mim, meu primeiro amor vermelho. apaixonados ao contrário, nos igualamos. os primeiros, os últimos. definitivos.

apaixonado ao contrário, eu digo até logo, meu amado imortal.

apaixonadamente ao contrário,

amo i., amo f., amo d., amo r., amo r., amo a....
todos vivem encarcerados, aqui na prisão de meu peito.
alguns mais antigos, já cansados de gritos, ficam lá,
hora passeando,
hora sentados,
hora dormindo.
outros, ainda rebeldes ou novatos, gritam sem parar.
chutam portas, sacodem janelas. gritam.
gritam sem parar. porém é inútil.
cavem túneis, serrem grades ,cortem cercas ou arrombem portões.
a arte blinda meu peito. meu coração é de ferro de sonhos, cercado de fossos de poesia.
um pan-óptico com cancelas e torres, vigiadas por bardos, deuses, monstros e heróis.
não adianta. não há escape.
não há saída. de mim.

cartas vermelhas - carta a álvaro

juiz de fora, 01 maio de 2018

ah, meu álvaro

também me incomoda o rosto de toda a gente, pois nas faces e nos faces, elas fingem o que não conseguem. agora então? com toda máquina se escondem. se filtram, se montam e se vendem. semideuses em série.

ah, meu álvaro, dá-nos essa audácia de dizer, isso que pessoas não conseguem.

mas quem consegue não é?

acho que nem multiplicados em três. noventa vezes nove talvez?

nem eu, nem preto, nem rosa. nem você, nem mestre caeiro, nem ricardo.

ah, mesmo nós múltiplos, nós que enfiamos o dedo na goela e vomitamos nossas almas.

ah, nós, que de nossos vômitos

catamos os pedaços de vida não digerida

nós vis, que de nossos estômagos alvorotados, feito as máquinas que nos partem, cuspimos poesia.

ah, meu álvaro, você de tavira, eu de cosmococa.

tolos trazidos à vida por essa gente, que não sabe se vivida ou sonhada.

que se cre natural! mal sabem que toda naturalidade é artifício. que somos fenda.

ah meu álvaro, nos somos vis.

e é isto que me deixa saudoso de suas febres de escrita, de nossas noites de ópio, as sensações, nossos exageros. os êxtases das luzes, dos sons. de nossos corpos máquinas, batendo palavras na pele escrita. nossas noites à janela espiando os fumantes.

ah! meu álvaro

queria poder curar teu inconvertível cansaço, cobrir seus olhos, tapar seus ouvidos.

mas não há volta.

se calaram os regatos,

se cobriram os arvoredos.

tuas amadas máquinas venceram

mas não há vitória.

no estômago de teu futurismo

apenas mais banalidade, náusea e angústia.

ah, é tanta a gente! agora sua multidão nos invade pelas máquinas. exibem sua comida em nossa sala, seus exercícios em nosso quarto.

até no banheiro a multidão nos persegue.
como velhas do porto, na janela a dar(si) a ver a toda gente!
a causar azia.

ah, meu álvaro!
não há ópio nem ambrosia. os semideuses agora devoram rivotril.
e por isso te escrevo . por aqui a solidão pede o dedo na goela e minh'alma te envia.
escrevo vil esta carta ridícula.
e se estiver me lendo agora deve ter reconhecido a garrafa dourada que deixei à porta da
tabacaria aqui do bairro nesta mesma tarde da exposição. como sabemos todas tabacarias
são nossa tabacaria.
sim, estou exibindo nossa conversa. um gesto para nos escrever na vida.
y quem sabe despertar o vômito em outra gente.
alvorotado e ridiculamente,

v.

todos os sonhos que tenho,
rafael tinha.
nem todos os sonhos que rafael tinha,
eu tenho.
todas as memórias que tenho,
rafael tinha.
nem todas as memórias que rafael tinha,
eu tenho.
todos os amigos que tenho,
rafael tinha.
nem todos amigos que rafael tinha,
eu tenho.
todos os amores que tenho,
rafael tinha.
nem todos os amores que rafael tinha
eu tenho.
todos os inimigos que tenho,
rafael tinha.
nem todos os inimigos que rafael tinha,
eu tenho.
todos os medos que tenho,
rafael tinha.
nenhum dos medos que rafael tinha,
eu tenho.
todas as dúvidas y incertezas que tenho,
rafael tinha.
nenhuma das dúvidas y incertezas que rafael tinha,
eu tenho.
toda arte que tenho,
rafael tinha.
toda arte que rafael tinha,
eu tenho.

sou a fonte de minha própria fonte.
o fruto de meu próprio fruto.
sou meu pai y meu filho y meu irmão.
artíficie, artefato e artifício
proprietário, território y invasor

me fiz carne para me fazer verbo.
me fiz verbo para me fazer carne.

ps: eu posso me disfarçar de rafael.

a cada 23 minutos...

aviso:

eu mancho.

é faminta. pensamentos y desejos pedem passagem para o mundo. simbólico y imaginário exigem lugar no real. y assim, singularidade si torna uma necessidade humana. ser percepto, afecto y **acto**. vemos a criação, seja na arte, na moda, no sexo, na academia, no terreiro, como forma contemporânea de realização de processos de composição, de singularização y produção, de nós mesmos antes de tudo. -1. laroyê. atravessando o discurso mercadológico y econômico, todas como potências de manifestação do ser.

a quimera, a esfera da sombra, do inconsciente y seu além. esse infinito abismal que agarra, engole y transa com a realidade, através y com o ser cotidiano. mística, simbólica, imaginária y real, apresento y imano as possibilidades desse. ser. eterno verbo.

vermelho, preto e rosa, são três dimensões mesma coisa. o vermelho é minha carne mais iminente, aquela que media as relações entre o mundo e a coisa. y preto e rosa são indissociáveis, são como um quadro cubista, onde todas as faces se mostram ao mesmo tempo, mesmo que uma y outra, esteja mais evidente y dê título a obra. rosa, a dias, fala da vida como obra de arte. luis, o simas, fala do encantamento.

a vida como trabalho de encantamento

o vermelho: nasceu leão, mas zaratrustra arregalou os olhos quando viu a boca d'onça, y sua mordida fura-crânio. agimos usando suas energias para agarrar y moldar a realidade. abro caminho no mundo, dando vazão y agencia as vontades da trindade. um dispositivo de operação de sentidos. carne parangolé. corpo cabaça. mais que criadora, **vontade criatura**

o preto: eu dragão y serpente, aquela que engoliu o camelo. dou caráter ao ser, interpretando o real, me esgueirando pelo mundo y o engolindo para alimentar a fera. devora. trago em mim as ficções y potências da marca, da pele, da origem y do pertencimento, buscando lugar y posição. força transformadora de relações de poder em potência. carne tambor. corpo cruzo. **inteligência ancestral**.

o rosa: eu cabra, dionisiaco, erótico. y veio a pomba travesti y me comeu, com os dedos.ogó. laroyê. agora nós é exusíaco y pombástico. somos libido, impulso de ligação com o outro, com a existência carnada nos sentidos, na estese, no corpo. carne-ogó. trepo logo existo, produção do cu, conhecimento y reconhecimento da transa com o mundo. saber-prazer. uma política do desejo. corpo ciborgue, cruzo máquina y animal y vegetal y humano y espiritual. boto cyberfunk. **programa malandro**

nem fim nem começo entre nós mesmos, vermelho y preto y rosa, nos caçamos dispositivos, caminhos y feitiços da massa amorfa da quimera encantada, que precisa se decompor y compor y dispor pela linguagem para se efetuar existência. atendo ao chamado da fôrma da forma. vontade(s)

amarrados num trabalho cruzo, um contrafeitoço, uma y 3 linhas de fuga y figa. um programa aberto y pirata y malandro. modos de caminhar de viés, zanzando pelo cosmos. somos uma forma de vida, de disposição ética y estética y politica. fabulação carnada, exercício experimental de produção de produção . corpo encanto, disposto a experimentar coisas outras. de si.

teu nome te representa mesmo quando as luzes se apagam?
quando tuas roupas caíem, quando uma luz se ascende?

teu nome te faz mergulhar numa piscina? te faz rodar numa árvore? teu nome te faz alguma
coisa?
teu nome é teu?

mulher?
hétero?
negra?
homem?
trans?
negro?
gay?

espero que tuas grades te caibam.

não espere chaves.



oi vermelho,

o que me vem ao pensamento quando vocês empregam “meus outros”

bell hooks disse ser vista como ingênua quando afirma que “embora uma teórica branca possa ser ‘racista’, ela também pode ter informações valiosas com as quais posso aprender.” a aproximação, proposta por vocês têm a potência de aprender e partilhar sem desejo de dominação ou exploração. sem inventar o outro homogêneo e depois tentar se esconder atrás da falácia da homogeneidade, “somos todos iguais”.

é uma negociação mútua, que deseja e celebra a diferença, não para, através do exótico, afirmar superioridade, mas para afirmar a liberdade na dessemelhança. tirando do centro o indivíduo, que em sua pele clara, representa a dominação e rejeição pela outridade.

nas palavras de edouard glissant “aceitar as diferenças é certamente perturbar a hierarquia da escala. ‘compreendo’ tua diferença, quer dizer: eu a coloco em relação sem hierarquizar com minha norma. admito tua existência em meu sistema. eu te crio novamente. – mas talvez seja preciso que nós terminemos com a própria ideia de escala. comutar qualquer redução.” a sua pele escura aponta para como a semelhança é, na verdade, o caminho da desarmonia. “meus”, pronome possessivo. diversos e distintos.

permaneçam assim e caminhem comigo.

carol

Latrocine-si

d
i
a
r
i
a
m
e
n
t
e

y de repente a saia dela gritava nosso nome.
y os semáforos.
y as cadeiras.
y a placa. y o cano.
y de repente eu nos fotografava.
y de repente cildo tinha feito uma obra
em nosso nome.
y de repente hélio oiticica tinha me dado à luz.
y de repente a lua havia vindo duas vezes por nós
y de repente nós era o desvio.
da mulher na padaria.
do amante na boate.
do velho militante.
de repente eu era tão pequeno que cabia num passar de batom
y tão grande quanto zima blue.
y de repente nós sentíamos o desejo de klein
a certeza de byes
a jogada de duchamp
a risada de kaprow
a visão de bispo
a aspiração de hélio.

y de repente até a menina da lanchonete fazia arte. y sorria dizendo.

nome social
nome artístico
é cada nome que vocês dão
para o meu nome
meu nome
meu
meu
meu
y pode ser seu
basta dizê-lo

com coragem

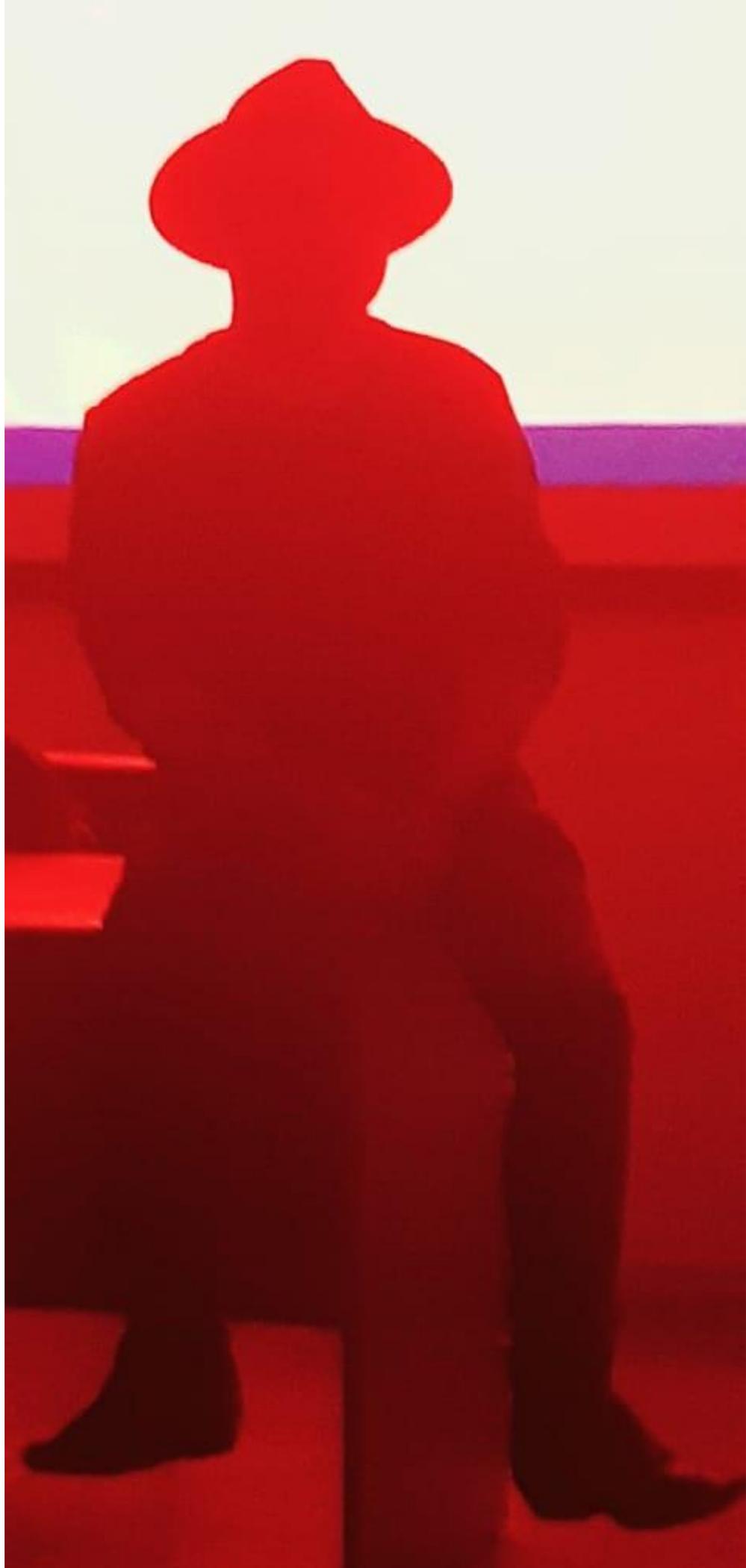
diante de seus amigos
do amor da sua vida
de sua analista
das transas casuais no aplicativo
na pós graduação
no trabalho
na lanchonete
no divã

diante da família
diante de sacerdotes
diante do espelho

com coragem
porque nomes são de verdade
mesmo quando são de mentira.

~~e o verbo se fez carne.~~ verso

y habitou entre nós.



a cada 23 minutos...

veja essa linha onde quiser

dissertação
pesquisa
partitura
mapa
trabalho
atalho

como nossa vida

nem começa
nem termina
aqui

estas páginas continuarão
como nós

y pra ter mais

~~nos siga~~

~~nos encontre~~

~~nos deseje~~

não sou prisioneiro da história.
não devo procurar nela o sentido do meu destino.
devo me lembrar, a todo instante que o verdadeiro salto consiste em introduzir a
invenção na existência. no mundo em que caminho, me recrio continuamente. sou
solidário ao ser na medida que o ultrapasso

~~franz fanon~~

esta página é pra por na parede

Olhe no espelho até ver oxum
mergulhar
em
si

torne seus desejos minúsculos

até que eles

caibam em
você

aos montes

vermelho é aquele que vamos onde não fui

se apropriar do conhecimento é uma forma de abrir caminhos
laroyê

esta página é só um desejo

talvez de página
talvez de palavra
talvez de nada
de tudo
de desejo
algum

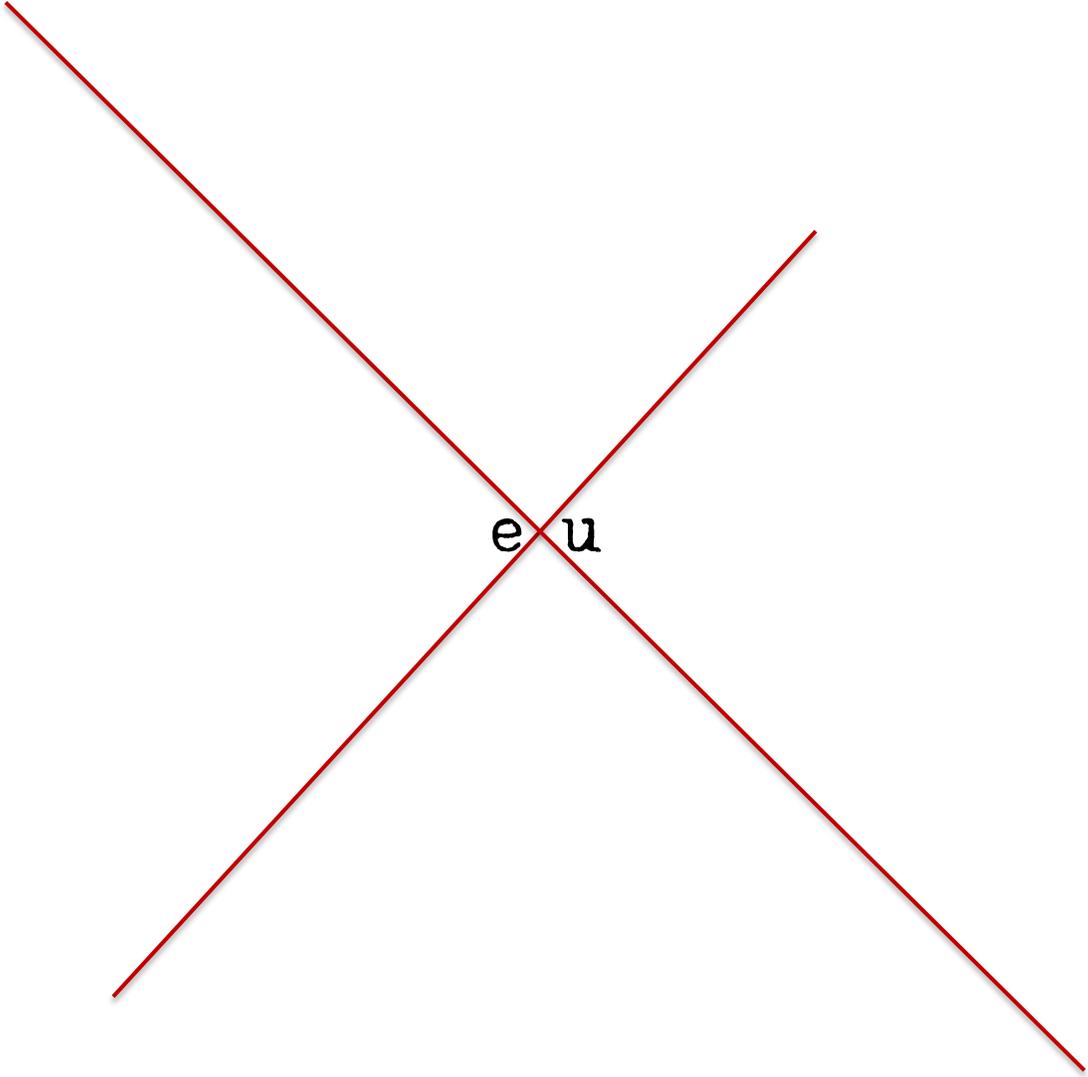
esta é pra por onde você

deseje.



only the trickster can save us

só exú salva



a politica sem a poética está fadada ao desencanto
a poética sem a politica está fada ao vazio

~~luis antonio simas~~

a grande tradução

milhões de corpos traficados, condenados a traduzir. pra sobreviver. pra renascer.
traduzir pra escapar do esquecimento. pra escapar do tronco: da árvore, do navio.
da fazenda. da polícia. do presídio. da escola. dos livros. das imagens. das artes. da
academia.

o mundo é o tronco.

um tronco do qual se faz tambor y canoa y consolo. Há ha ha há ha

que eu faça de seu tronco dildo

vem. vem branco! me faz gozar. me enraba. mantém meu cu aberto. meu ogó duro.

quando o branco/hétero/cis te fuder, enfia o dedo no cú dele.

gostaria da coragem de joseph byes y gritar a escultura social.
mas pós moderno, estou condenado a ser modesto.
sussurro a escultura de mim. porque em si, é só o que resta.
y ela é assim pequena. micro. nano. cabe numa palavra.

vermelho

y ela sisma.
y cresce às vezes
desenrola y rola y dobra y desdobra
até muda de cor.

Preta.

rosa.

às vezes vira um som que invade prédios. às vezes uma sala num jardim.
às vezes é só a coragem de repeti-la. de dizê-la a quemdesdiz.

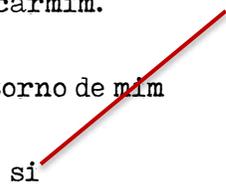
y não importa. si em cartazes y catálogos y posts.
só em dizê-la, ela já si esculpe. si cospe. si tinta. si retinta
às vezes basta o espelho.

a cama.

o batom carmim.

3 voltas em torno de mim

si



você chama uma borboleta de lagarta?

então porque nos chama de rafael?

rafael = n
exu = -1

v = n - 1

Somos 3 fábulas criadas por este corpo, outrora chamado Rafael.

A Primeira pioneira é Vermelho, uma fábula que encara o campo da arte contemporânea em seu jogo e , o assim pretende como jogo livre. E por isso esse jogar é entendido como Profanação desse campo.

Vermelho é um profanador, que joga com a relação arte/vida, se entendendo como sujeito ao campo e ao mesmo tempo sujeito no campo. E assim Vermelho coloca como exercício experimental de liberdade, como Mário Pedrosa afirmava a arte brasileira contemporânea de Hélio Oiticica e Lygia Clark, como exemplos.

Assim, umbilicalmente Vermelho nos liga artisticamente aos modos de pesquisa de Cildo Meireles, Lygia e Hélio.

Preto, é uma Contrafabulação de Raça, que ao mesmo tempo escava relações com outros Corpos Enegrecidos pelo mundo, mas principalmente com os Outros corpos enegrecidos deste território, hoje chamado de Brasil, mas antes chamado Pindorama.

Preto, se enrosca como uma serpente nas relações afetivas, familiares, históricas, sociais e culturais, deste corpo. O que leva aos corpos Enegrecidos e também Ancestrais a este, os povos nativos brasileiros. Hoje autoproclamados **Indígenas**.

A terceira cabeça, mas segunda em aparição é Rosa, que ao entender gênero e sexualidade como fabulações performativas, nos lança a prospectar Outras formas de performance, máquinas do Desejo e Uso livre dos corpos. Máquina que transa buscando Outros-corpos, que ama, como um amador, formas-Outras de relações. Um núcleo de conceitos Queer, que mantém um aberto, desterritorializado e ao mesmo tempo desterritorializador.

Assim, nós 3, nos entendendo como interseccionais, nos concentramos na criação de núcleos comuns.

Assim a profanação, a experimentação e o jogo livre, se traduziram jogo que a profanação se pretende, nos jogos de saber- poder a que este corpo está inserido e na liberdade de criação e assim liberdade de vida que isso (re)presentar.

Somos fábulas estéticas, éticas e políticas, que ao mesmo tempo que se vem como micropolíticas, microestéticas e microéticas, se pensam como inseridas no jogo macro político, dos dispositivos e territórios que atravessa.

E que por eles somos atravessados.

Assim, como na contra produtividade de Foucault, na Contra-sexualidade de Paul Beatriz Preciado e no Contra- dispositivo de Agamben, nos fundimos como contradisposições a Arte, a Raça e a Gênero-Sexualidade.

E nós, as 3 micro fabulações deste corpo, encaramos o Real diante de nós e mergulhamos nas fabulações nas macrofabulações da Arte/Cultura, de Gênero-Sexualidade e de Raça, para de dentro delas, de sua profundidade cotidiana, hackearmos tais grandes conjuntos de dispositivos. Máquinas de criação a serviço de materialidade e concretude da Vida deste corpo. Máquina que transa, que ama, que paga contas e que trabalha. Fabulações que nos torne, íntegros e múltiplos, descentrados mas nucleados numa agência de vida. Dispostas e implicadas na transformação e manutenção deste corpo, como produtor de Afectos e perceptos, de actos pra si e para outros.

máquina tríptica de desejo. Vontade de potencia y criação. micro y macro y molar y
molecular y singular y coletiva y subjetiva y objetiva y teórica y prática.
práxis y poiesis y ethos.

fabulações que prospectam o trabalho não como ação do homem sobre a natureza, mas como
ação do ser sobre a realidade.

um ser, simbólico, imaginário e real. três fabulações que operam sentidos, que liberam
potências e reconhecem e sustentam desejos.

somos experimentais, mas não ingênuas.
somos trivalentes, mas não contraditórias.
somos metafóricas, mas reais

outro dia no mestrado
nos disseram que falei bobagem
mas gosto tanto de falar bobagem
bobagem é palavra bonita
bonita de se falar com amigos
de si falar na cama com amantes
de si falar na cozinha
de si falar
y entendi que academia é lugar de palavra séria
na academia ninguém diz bobagem
ou será que ela disse bobagem?
mas se ela disse nós também pode
ou pra falar bobagem tem que ser doutor?

talvez nós precise de mais títulos pra poder dizer bobagem



pesquisas comprovam:

"vermelho é um ciborgue contra-sexual queer."

rosa, especialista em gênero, sexualidade y direitos humanos pela fiocruz, garante: vermelho não é homem, nem mulher, nem gay, nem lésbica, nem bi, nem cis, nem trans, nem intersex, nem muito menos assexual. ele é um corpo falante, livre para manifestar y performar seus desejos.

De maneira estética y ética y política.

Então se vosmecê não sabe se isso é arte, literatura ou dissertação, liga não

Nós tá chamando de vida

Se nós falhar, liga não

Nós falha.

Porque só assim

nós pode

Experimentar

a cada 23 minutos...um negro é assassinado no brasil.

cês não quer ser branco? cês não é branco? cês é branco?
cês age como branco?
cês usa das vantagens de ser branco?

se cês abrir mão da sua cor, nós abre da nossa.
quem começou isso?

não foi nós.

mas já que ces insiste...

nós continua.
por que nós não desiste.
do jogo.
da luta.
da liberdade.
da vida.

nós só quer desejar nossa existência
nós só quer amar nossa existência
nós só quer criar nossa existência
nós só quer teorizar nossa existência
nós só quer praticar nossa existência
nós só quer gozar nossa existência
nós só quer experimentar nossa existência.
vamos fazer juntos?

vai ser mais divertido.
vai ser mais curioso.
vai ser mais inusitado.
vai ser mais desconhecido.
vai ser mais fabuloso.

f(r)icciona comigo?

falam demais que nós fala demais
si nós fala demais
pra fora
nós fala de mais ainda
pra dentro
nós fala tanto que a palavra fartô
nós fala tanto que a palavra emprenhô
nós fala tanto que a palavra nasceu
cresceu
si reproduziu
 y morreu
ressuscitando gesto
ressuscitando olhar
ressuscitando choro
ressuscitando tesão

nós fala tanto que palavra virou nome
nome virou cor
cor virou
vida
virou
verso

ele temia tudo isso ser bobagem
y temia que bobagem fosse temer
temia que bobagem maior
fosse nem bobagem ser
y então
sem bobagem
só temer teria
y entre temer y bobagem
preferiu ser

nós não fala errado
é que nós cansô de palavra certa
(all righth)
nós prefere palavra que acerta o
desejo
palavra que é seta
palavra que faz curva pra cercar o
alvo
palavra que faz barulho antes de
dormir
palavra que xia
palavra que si sua
palavra que si insinua
palavra
que quebra espelho
que erra texto y acerta alma
mesmo que sua
mesmo que nossa
mesmo que nenhuma
mesmo que nada
mesmo que
mais do mesmo

nós prefere escutar do que ver
do que ver a palavra errando incertos
lugares
do que ver a palavra
caída na página
feito um monte de letras mortas
certa ~~mas~~ y escrava
certa ~~mas~~ y presa a nada
a tal da lógica que cala
que cria nada além de nada
ainda se fosse ao nada
isso eu desejaria
~~mas~~ y esse nada
nem nada, nem nada. afoga.

nós gosta de palavra que parece outra
palavra que si disfarça
palavra que si ~~diz~~faz
palavra que si passa batom y sai pra
rua
meio faceira
meio nua
si usa y vai sem volta
palavra que si revolta
contra a própria tirania
palavra que si inventa
palavra promiscua
palavra que é tudo menos certa
a não ser quando acerta

o que não si vira

exu movimenta-se no tempo e no espaço rapidamente por meio do **ogó** que ele usa também para atrair objetos distantes.

~~pierre verger~~

na umbanda, costuma-se afirmar que as encruzilhadas de “x”(com 4 pontas) são destinadas a exu e as em “t”(com 3 pontas), à pombagira

~~y~~

vagner gonçalvez da silva

o que cês chama de performatividade
nos chama de vida
o que cês chama de devir
nos chama de vida
o que cês chama de exercício experimental de liberdade
nos chama de vida
o que cês chama de performance
nos chama de vida
o que cês chama de teoria
nós chama de vida
o que cês chama de prática
nós chama de vida
o que cês chama de arte
nós chama de vida

y o que cês podia chamar de vida...
nós chama de arte.

o que cês chama de solidão

nós chama de solidez

na imensidão da solidão
ensaio solo
e solo ensaio minha
solidez
solidez pra existir
solidez pra viver
solidez pra amar
a mim
a você
a nós
a sós
a sós : ensaio solo

solo. terro. luo.

rio. orvalho. neblino.

DESEJO,
nos cegue, nos
guie, nos
proteja...
até o fim dos
dias...

~~Jonhhy Hooker~~

ditatorial muitas vezes travestida), Agamben propõe uma outra saída: a profanação⁶ dos dispositivos de

governo e a assunção de um ingovernável como ponto de fuga e início de uma nova política.

tuído pelo rito à esfera profana. A profanação é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido.

vermelho estava lá.

em meu nome, portando em nosso lábio inferior nosso batom, à meia boca, nem masculino enrijecido, nem feminino caricato, nossa gazua, nosso contradispositivo. nosso retificador.

“ Me passa seu batom ”

- disse João Nery, primeiro homem trans reconhecido do Brasil.

E se dirigindo a frente do palco do I Congresso de Famílias Homotransafetivas, anunciou:

“ Há 40 anos não passo batom. E estou com ele aqui diante de vocês para lembrar a todxs que temos que acabar com essa história de homem pode isso, homem não pode aquilo. ”

E assim ele instaurou conosco esse momento, nosso ready-made desviado.

Em nome de todos os corpos que se assinam, que se retificam, aceitam seu devir e se desviam dos nomes, normas e assinaturas impostas. Em nome de todos os corpos que fazem de Si, criação. Corpos que longe de galerias e museus, fazemos de nossas vidas invenção e subversão. Existência.

E diante de ti João e em sua homenagem, assumimos estes nomes obsoletos de homem e de obra, nomes pelos quais não vivemos mais, para juntos, mais que retificarmos, desviarmos a realidade.

De Homem para Homem,

~~Vermelho~~ rosa

é a Vida.

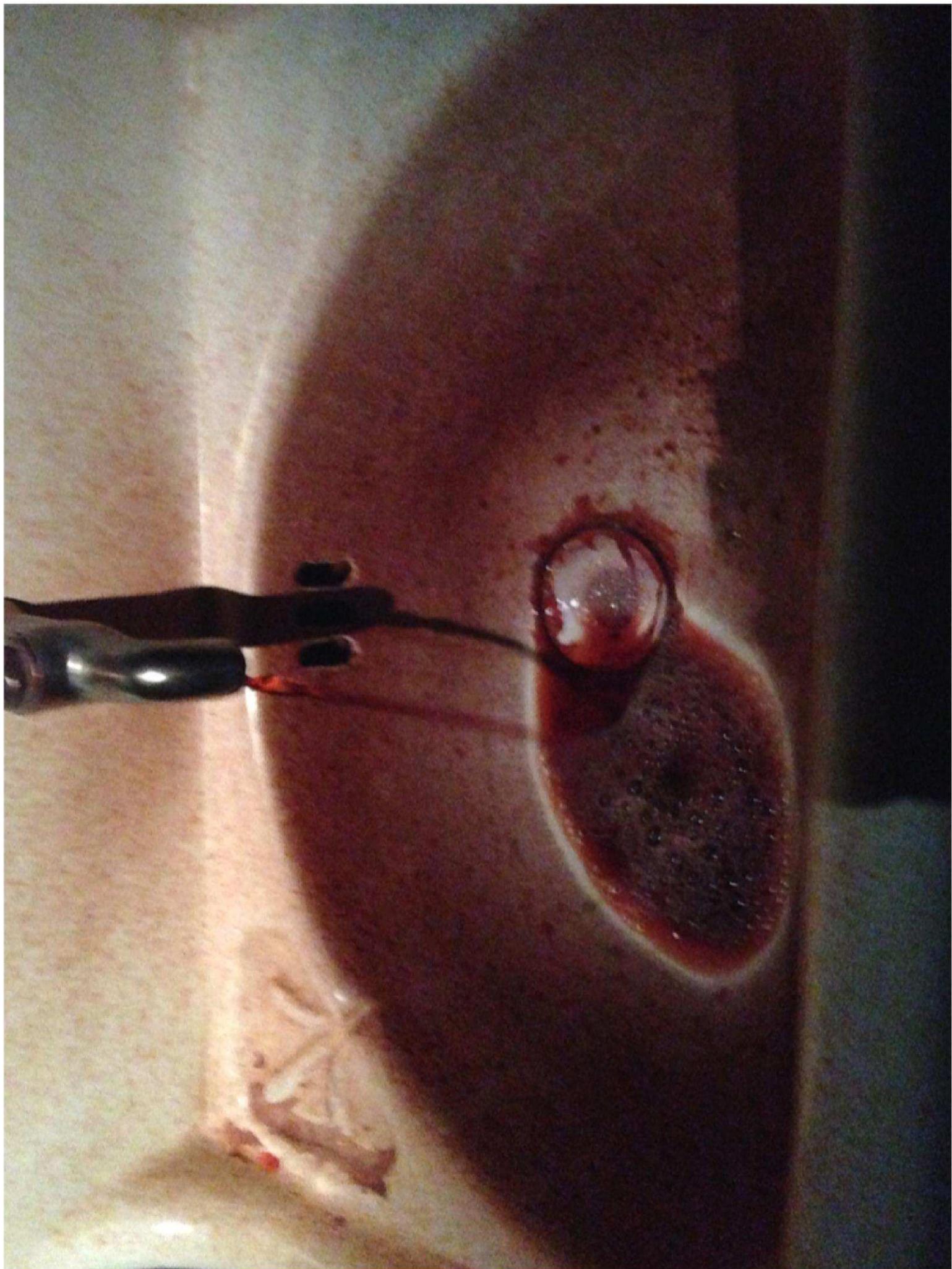
literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões,

as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar.

Isso significa que a estratégia que devemos adotar no nosso corpo a corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum. É nesta pers-

Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas. A sociedade sem classes não é a sociedade que aboliu e perdeu toda memória das diferenças de classe, mas uma sociedade que soube desativar seus dispositivos, a fim de tornar possível um novo uso...

~~Giorgio Agamben~~



~~mulheres~~ pessoas

quando as mulheres brancas ignoram o privilégio que supõe que elas são brancas numa sociedade racista e definem a todas as mulheres unicamente com base na sua própria experiência, nós, mulheres de cor [2], nos convertemos 'nas outras', umas estranhas cuja experiência é demasiado alheia para ser compreendida. um exemplo é a significativa ausência de mulheres de cor em estudos de gênero. muitas vezes, a desculpa é que a literatura das mulheres de cor só pode ser ensinada por mulheres de cor, e que é uma literatura difícil de entender porque provém de experiências 'muito diferentes'. escutei esse argumento da boca de mulheres brancas que não tem nenhum problema em ensinar sobre o trabalho de pessoas com experiências de vida tão díspares como shakespeare, molière, dostoievsky ou aristófanes

~~audre lorde~~



E no início havia o d~~ildo~~.
E ele não era o pênis
também

~~Paul Beatriz Preciado~~

Veementia

veemência

Valens

valentia

Veritas

verdade

Voracitas

voracidade

Vanitas

vaidade

Valore

valor

Volupia

volúpia

Voluntas

vontade

Vitae

vida

carta à banca

05 de novembro de 2019

olá meus mestres

olá fabricio, olá harishabad , olá sônia.

poderíamos dizer que foi o acaso que nos reuniu, que trouxe vocês até nós. y como costume dizer, não existem coincidências na vida de poetas, de artistas. há um fio invisível, tênue que os traz até meu caminho, até minha trajetória, até meu dharma.

há quatro anos, rafael saltou.

após girar 810 vezes ao lado de pessoas queridas, seguindo suas intuições, desejos y potências, ele meditou dentro do desvio para o vermelho. y movido y embalado por poemas, pontos y canções, seguiu ate seu ainda não revelado abismo. rafael saltou de corpo y alma no cosmos(coca). coca que hoje desconfiamos esconder, em sua ironia, em sua lisergia, em sua metáfora, um enigma, um desafio criptografado por helio. um conhece a ti mesmo, um saiba a te mesmo, um saboreie a si mesmo.

rafael não voltou de lá. rafael saltou no abismo.

sem redes, sem ressalvas, apenas com um coração vagabundo, cheio de disposição. disposição para experimentar esse desconhecido que chamados de si. mas ele sempre foi astuto. guardando uma carta na manga, nós, seu fio de vermelho, rumo ao grande labirinto do cosmos.

y nós, seus fios, no mergulho de seu abismo, somos seu escafandro. y há quatro anos de mergulho, não havia mais mangueira de ar possível. y agora não mais um fio de retorno, nossa luz vermelha brilhava tênue, no profundo de si. y nosso coração selvagem, decidiu não recuar. y abandonando qualquer máscara, respirou fundo y se deixou levar.

y nós antes seu instrumentos, nos tornamos suas guelras, suas escamas, suas barbatas y de repente, no escuro do vazio, nos eramos um minúsculo beta. opará.

metamorfose. cu(r)ra. desterritorializar.

não há mais volta. apenas voltas. nós já foi longe de mim pra voltar.

(apesar que rosa prefere ser boto, pra vir à superfície respirar y encantar)

y nós tá aqui pra pedir sua ajuda pra continuar. y agradecer.

agradecer o fabricio que nos acreditou, desafiou e en(cor)ajou: não temer nada!.

nós não esqueceu não. podemos não conseguir demonstrar y corresponder o tempo todo, a confiança. y ela nos embalou, nos agenciou y acolheu quando outros nos fizeram recuar.

agradecer harishabad, que em seu dharma, reconheceu o nosso. que nos pacientemente olhou como igual, que nos partilhou preciosos conceitos, que hoje, reconhecendo-os como vivos, como em jogo, como em luta, como presentes no mundo, nos chamamos de espíritos.

y foi no espirito da neblina, da transparência opaca, que cria lugares, que turva visões, que produz lugares-outros, nos chegamos até o trickster e ao hiperordenamento. trickster, como loki, como o coiote, como hermes, como shiva, como pernalonga, como raposa. hiperordenamento, como hipertexto, hackeamento, que agora nos está traduzindo como

hiper-regência. regência como rei y súdito de si. hiper-regência para transformar poder em potência, para produzir liberdade y majestade diante das disputas, lutas y capturas do jogo da vida. nós buscamos o jogo livre, mas esse corpo não pode fugir a luta. nos entrou na guerra, foi sem deus querer, mas nos só sai dela depois que vencer. seja lá o que isso for. y assim, cartografando nosso mergulhar, como uma raposa vermelha, nós mergulhamos nas encruzilhadas, atrás de encontrar os tricksters dos corpos de nossas matrizes. africana y indígena.

cosmologias. cosmogonias. cosmopolíticas.

y foi mergulhando nos terreiros, que nós encontrou exu, malandro y a caraíba laroyé.

exu que no epíteto do bara, é o rei do corpo. do corpo vivo produtor de conhecimento. conhecimento y sabedoria(sofia) de nossos povos ancestrais. de nossos povos ágrafos de livros, mas letrados de carne. povos que produzem arte, cultura, y linguagens no corpo, no oral, na palavra, no gesto y no som. que cosmológicos, nem maniqueístas, habitam a realidade, não separando sujeito y objeto, teoria y prática, ética y estética y política.

“em áfrica, cada ancião que morre é uma biblioteca que se perde”

por isso agora nossa bibliografia se descobre nos pontos y toques, na musica. no samba, no funk y no rap. pois agora nós caça na poesia oral a performatividade da linguagem. as epistemologias escondidas, resistentes y libertadoras.

malandros e malandras que nos ensinam artimanhas, a transformar a praça em salão, a pisar macio. a fazer do caminhar pela vida, amor, pelo sexo, pelos afetos. malandro que nos ensinar a zanzar, a andar de viés. entre realidades, entre territórios, sem se territorializar.

caraíbas, que desterritorializados, sem pertencer a nenhuma nação, andavam livremente, com a missão de relembrar aos outros, as capturas do poder.

mas não se preocupem. não haverá volta. despovoado, desterritorialidade, caço e caminho, não atrás de uma identidade perdida ou essência. de modo outro, mergulho nos legados dessa carne, para reativar esses saberes, para potencializar esses devires, para com nossas encantarias y feitiços, fazer tremer e ruir as hegemonias, para aprender abrir y fechar, para aprender sair y entrar, para abrir senzalas e armários, cubos e baias.

para aperfeiçoar nossas metamorfoses, pra que nosso encantado possa ser peixe, cobra, onça...

para encontrar inspirados por eduardo, o viveiros, uma sabedoria da diferença. para criar com outros, o que nos cochichou purí, uma andança.

“vou aprender a ler, pra ensinar meus camaradas”

y foi assim que numa gira, sem nós fala nada, uma malandra, maria navalha, com seus olhos perdidos debaixo da aba de seu chapéu nos sussurrou: o moço acumulou muito conhecimento, chegou a hora de partilhar.

é por isso que nos não vai parar nosso mergulho. é por isso que nós continua a seguir nossa luz vermelha. na disposição y no desejo de partilhar. de deixar pistas y enigmas, desafios y experiências para que outros possam se juntar a nós em seus mergulhos em si.

é por isso que sonia com seus saberes, não por acaso nos encontra. pra que quem sabe nos possa aprender com ela a partilhar. a transformar nossas encanterias e feitiços, nossos conhecimentos do corpo em maneiras de produzirmos juntos uma humanidade outra.

para me ajudar em nossa travessia.

assim meus mestres, sigo meu mergulho, minha andança, meu andar de viés, como um malandro em treinamento, levando uma melhor noite de seu ano para alguém, inspirando outros a criarem em seus devires, a desviar de determinismos y escapulir de capturas. a ajudar com um sorriso no lábio vermelho a outros andarem de cabeça erguida, a caminhar entre parangolês y patrões, a entrar y sair de academias y galerias. se não a fazerem arte com sua vida, a fazerem da vida suas artes.

espero ansioso nosso encontro, y antes deixo a vocês presentes. espero que meu batom possa produzir fissuras, que minha luz possa acalentar na penumbra y meu rosário possa ajudar seguir caminhos. que possamos como mestres y contra-mestres, como uma permanente capoeira, continuar juntos pela vida. pelos desertos, abismos y neblinas.

ahhh, como um bom trickster não poderia deixar de propor um jogo. por isso, logo depois que receberem minhas palavras, vou enviar em seus e-mails, uma lista de musicas, toques y pontos que podem abrir outras dimensões do trabalho. claro que sei de seus compromissos, assim elas serão apenas abertas se assim forem seus desejos.

animicamente,

vermelho

o 1.º movimento do desejo: no encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem. Dos movimentos de atração e repulsa geram-se efeitos: os corpos são tomados por uma mistura de afetos. eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos... E seu corpo vibrátil vai mais longe: tais intensidades, no próprio movimento em que surgem, já traçam um **segundo** movimento do desejo, tão imperceptível quanto o primeiro. Ficam ensaiando, mesmo que desajeitadamente jeitos e trejeitos, gestos, expressões de rosto, palavras... é que, você sabe, intensidades buscam formar **máscaras** para se apresentar e se “simularem”; sua exteriorização depende de elas tomarem corpo em matérias de expressão. Afetos só ganham espessura de real quando se efetuem.

~~sueli rolnik~~

terceiro...

...o que os xamãs utilizam para se deslocar pelo cosmos não são fantasias, mas instrumentos: elas se aparentam aos equipamentos de mergulho ou aos trajes espaciais, não às máscaras de carnaval. o que se pretende ao vestir um **escafandro** é poder funcionar como um peixe, respirando sob a água, e não se esconder sob uma forma estranha. do mesmo modo, as roupas que, nos animais, recobrem uma 'essência' internado de tipo humano não são meros disfarces, mas seu equipamento distintivo, dotado de afecções e capacidades que definem cada animal.

~~eduardo viveiro de castro~~

Make
Pindorama
Great
Again!

CARTA PARA UM LEITOR ESPECÍFICO
singular

Francisco Luis Brandão Teixeira do Rego

Olha que louco, reaproximei de velhos amores em 2020. Não sei, mas suspeito, que tenha relação com a falsa segurança do conhecido. Mas toda essa jornada, me moveu a confrontar ideias fixas e me abriu para a potência humana de afetos múltiplos. Novas fotos e novos corpos, que deslizaram pelas frestas do tempo, criando uma diferença dos corpos de 6 anos atrás. Por um tempo preferi evitá-los, - os estranhos eram os meus novos cúmplices- Isso me possibilitou inventar e experimentar eus - já que eles não teriam oportunidade da confirmação, mas talvez, enquanto me passo por, gero, e de forma embrionária, crio e sondo terrenos, pulo cercas, nesses espetáculos dos bastidores.

No dia 14, de madrugada, um amigo me acordou por telefone. - 4 anos sem vê-lo e ficamos conversando por vídeo sobre a vida e acabamos por falar da instalação Ex-votos - que realizei em 2016-. Estávamos nos encontrando até o número 8.000 das vinte mil plumas fabricadas. Então, contando sobre o hiv - como sempre tento fazer- descobrimos juntos uma marca temporal. Uma cisão mais delimitada nos calendários do cotidiano. A data do calendário, foi 16 de junho de 2016. Através dessa contagem, percebemos o período mais meu e as vezes nosso, que o vírus entrou em contato com meu corpo.

Ex-votos desejava resiliência, potencia de cura através das práticas, uma alegoria dos rituais da fé aplicados a outros hábitos. Mas o projeto começou antes do que poderia ser uma associação direta com um desejo de sublimação da positividade, ou seja, deduzo em mim campos, possíveis afetos, gay em alerta por experiência da necessidade, como Caio Fernando, Foulcault, ou Herbert Daniel, familiarizados mas não contentes com as possíveis cartografias para suas existências. Então nesse paradoxo da identificação e subjetivação muito próxima da penetração erótica, nesse explorar do corpo como ponto de união da libido dos corpos penetráveis. Aqueles que inscrevem desejos ambiguos, apesar das vontades totalizantes, saberes apreendidos e trocados por corpos transpassáveis. Por mais que se escreva ou represente tais moções, esse é um saber dos sentidos e um saber oral, literalmente. Seu registro precisa estar impregnado de suor, de pegadas, e pelas sombras do corpo a marca do gesto. Todo esse arranjo compõe as experiências fugidias, incapazes de se curvar a captura. - Aprendamos com elas -. Andei sondando as dinâmicas que me cercavam, longe dos confortos dos reconhecimentos, não racionalmente, compondo uma planta mental, mas como um bicho (bixa), alerta, imóvel. - Talvez tenha parecido com tanta coisa e foi gostoso -. Para longe de compor paisagens fixas, eu escolhi viver em cenografias, pela mudança de lugar e perspectivas. Como algo do circo, a itinerar-me, somar membros. É isso que quero agora, montar uma trupe. Um conjunto de espetáculos simultâneos, dentro e fora, não como um espelho, qualquer metáfora falta ou não se sustenta sozinha. Entre memória, esquecimento, silêncio, dias, corpos e coisas; conheci um bocado de gente, por voz, papel, tinta, textura,

vídeo e 4k, algumas ao vivo, no quarto e no conjugar de desejo e prazer. Como encarnar o verbo nas coisas?
Imprimindo no tempo pequenas práticas alargadoras, do próprio corpo e das possibilidades

Juiz de Fora, 25 de setembro de 2020...

podemos resumir em uma palavra a intenção filosófica da descolonização e do movimento anticolonialista que a tornou possível: a **declosão** do mundo. segundo jean-luc nancy, a declosão designa a abertura de um cercado, a retirada de uma clausura”. a ideia de declosão inclui a de eclosão, de surgimento, de advento de algo novo, de desabrochar. a questão da declosão do mundo – do pertencimento ao mundo, da habitação do mundo, da criação do mundo, ou ainda das condições sob as quais nós fazemos o mundo e nos constituímos com o herdeiros do mundo- está no coração do pensamento anticolonialista e da noção de descolonização. poderíamos dizer ate que é seu objetivo fundamental.

...

no pensamento da descolonização, a humanidade não existe a priori. é preciso fazê-la surgir através do processo pelo qual o colonizado desperta para a consciência de si mesmo, apropria-se subjetivamente de seu eu, desmonta a cerca e se autoriza a falar em **primeira pessoa**.

...

em troca, o despertar da consciência de si ou ainda a apropriação de si têm como objetivo não somente a realização de si, mas também, de maneira ainda mais significativa, a escalada de humanidade, um novo início da criação, a declosão do mundo.

...

a luta pela vida – que é a mesma coisa que a luta para fazer eclodir o mundo – consiste em forjar a capacidade de ser si mesmo, de agir por si mesmo e de erguer por si mesmo que fanon compara a um surgimento – surgimento das profundezas daquela que ele chama “**uma região extraordinariamente estéril e árida**”, essa zona do não-ser que é, a seus olhos, a raça.

...

é típico da raça ou do racismo sempre suscitar ou engendrar um duplo, um substituto, um equivalente, uma **máscara**, um simulacro. um rosto humano autêntico é convocado a aparecer. o trabalho do racismo consiste em relegá-lo ao segundo plano ou cobri-lo com um véu. no lugar desse rosto faz-se emergir das profundezas da imaginação um rosto fantasia, um simulacro de rosto e silhueta que, desse modo, toma lugar de um corpo e de um rosto humano.

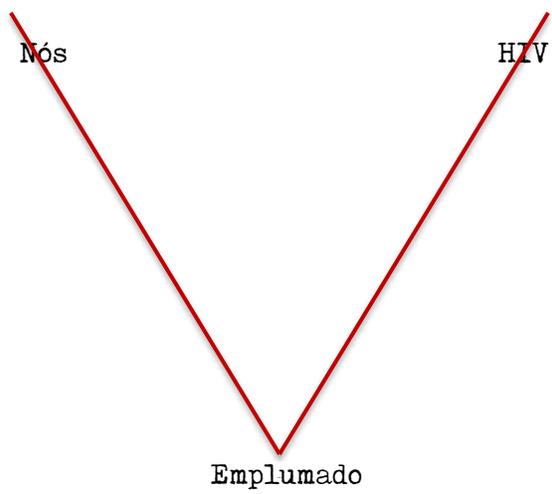
~~achille mbembe~~

eis o malandro na praça outra vez
caminhando na ponta dos pés
como quem pisa nos corações
que rolaram nos cabarés
entre deusas y bofetões
entre dados y coronéis
entre parangolés y patrões
o malandro anda assim de viés
deixa balançar a maré
y a poeira assentar no chão
deixa a praça virar um salão
que o malandro é o barão da ralé

Chico Buarque



amor em v



eu atirei. ninguém viu

só oxossi sabe. onde a flecha caiu?

cartas vermelhas - carta ao meu rego

30 de setembro de 2020

oi

olha...estou surpreso. confesso.

sua carta me foi uma sentada rápida no pau. uma daquelas que o cara dá na gente sem esperarmos. dessas sentadas *power botton*. ogó.

sim, dessas sentadas que penetram, dessas dadas que comem. vc é ativo com o cú. deleuze iria gozar conosco. mesmo que sua homossexualidade seja apenas molecular. a dele. porque a nossa, é quântica. porque o que deleuze apreende com o espírito, nós apreendemos na carne. não que uma seja mais real que a outra. é que no nosso caso é uma y outra. uma y outra. uma y outra. posso estar errado. posso estar certo. posso estar errado y certo.

somos o gato de schrödinger .

vamos enrabar deleuze. *fistá-lo*. ogó.

ogó.

é o pau de exu. o pau do vazio. saca? -1.

o vazio que fura y penetra y insemina y enraba. que estupra. sim, porque o real nos estupra. o hiv não pediu licença, não te cortejou, não te mandou cartas. ou mandou? ele te seduziu ou te capturou? seduziu y capturou?

uma certa vez assumi uma face num mundo de rpg. era um orc gladiador y viado. fui preso y na masmorra os guardas resolveram que iriam me punir. me enrabar.

eles então me pegaram. y eu disse: eu gemo. y toda a mesa ficou confusa. os jogadores se silenciaram. o mestre repetiu: eles te fodem, com força y te machucando. digo: eu vou curtindo y gozando. era um calabouço. correntes. guardas . violência . dor. bdsm ora!

y eles pararam. submisso capturamos o dominador. o usamos. vc agora esta usando o hiv. jogando com ele. tornando-o seu dispositivo, tanto quanto vc é dele.

você y ele se compõem. juntos. quem come quem? hiperregência.

minha face orc tinha alta constituição, consistência. podia se permitir atravessar pela dor, pelo ferimento. eu compus com essas forças. tornei-as minhas intensidades. meu ogó.

sim, as vezes pra fuder a gente tem que dar. as vezes penetrar é ser penetrado tão poderosamente, que capturamos aquilo que nos faria cativos.

estamos longe de fazer uma ode da violência. as vezes só resta compor com aquilo que nos atravessa. talvez resida aí o teatro da crueldade de artaud. talvez. quem sabe? nós podemos saber. porque esse saber é experimentar. talvez ai resida o corpo sem órgãos. um corpo que si (re)compõe y si (re)produz no acontecimento. sem o ideal. galinha que afoga patos.

comer com o cu. o cu que é ogó!

fode teus inimigos, até que eles peçam mais.

rafael sempre tive medo de vc. vc branco, grande pai edipiano. vc branco dos olhos claros. mata teu pai. fode teu pai. devora teu pai. na colônia o grande pai é o grande branco.

branco vc sempre era algo que eu não podia violar. tabu. enquanto diante de vc era esperado o hipersexualizado, o cafuçu. totem. o metedor. assim sempre havia uma clausura, uma muralha. invisível. indetectável. dois corpos condenados a lidar com seus cativeiros. agora, em cima de uma cama-arte, as máscaras caem. si criando escafandros. si produzindo guelras. vc se revela, um cu ativo. capaz de engolir meu antebraço. capaz de me penetrar, com o cu.

enrabado por vc criamos filhos monstruosos. devires kuir y decoloniais de nossos corpos máquinas de guerra. y farra. me permitindo enrabar por vc, quebro o lugar sagrado da masculinidade negra colonial. masculinidade que não queremos abandonar. invertido queremos a devorar por dentro. virar o masculino do avesso. engolir y cuspir.

numa arte/jogo/luta, numa capoeira/sexo/instauração

como diz castiel, a vitorino: gozou criou, criou gozou.

desejante, sou mágico, encantado na sua trupe. ser feiticeiro y macaco. nesse circo/terreiro, desejante ser kongá, ciborgue-gorila que escapa ao plano, que abre a jaula y na fuga produz seu monstruoso espetáculo. desejante corpo que reverte a experiência, que se transforma. com você.

corpos xamânicos, que se transformam no desejo de tradução-mundo. tradução-exu. transmutação. transfiguração. cu(r)ra de nós mesmos. laroyê!

quero fuder você com o ogó que baba. ogó pau. ogó boca. ogó mão. ogó palavra. ogó trabalho. ogó presença. ogó.

me come com seu pau/cu? me come seu cú/pau? que seja boca, que seja pena, que seja dedo, que seja suvaco. que seja pião. que seja devir.

chega de papai mamãe édipo. chega de forma pronta. de lugar definido.

somos menos que isso. isso -1.

assumindo uma posição ativa diante do que nós atravessa, singularmente te lendo/comendo

rosa.

porque preto sabe compor
antes docês nascê
nós compõe com tumbeiro
com silenciamento,
com a deslíngua que nos estuprou a goela
ces sabe o quão inteligentes nós somos em iorubá?
quicongo? banto?
ces sabe quão genial tem que ser pra criar um (novo) mundo ?
nós nasceu na zona fantasma
no vazio, no além
mar. kalunga grande
na terra desprometida
nos é desterritório perpetuo
nos é -1 y 1 y 3
nós é o não-é
y isso é lindo
isso é tambor y samba y capoeira...
isso é terreiro y funk y rap...
nós compoe com corpo sem pauta
nós compoe de ouvido. não de olho
nosso olho é o do cu.
onde nós toma, toma y continua.
quem resiste é o hegemônico.
nós existe. no abismo.
onde nós dança, voa y vai em frente
até a grande noite do batuque
y agora quando seu antropoceno se revela
cês vem atrás de nós?
agora que a metrópole transformou cada um em colônia
ces querem a terra sem males?
queimem. queimem. queimem.
até xangô voltar
porque nesse grande tumbeiro, nós vai botar fogo y pular
porque quem tem inferno esperando é ocês
nós é barro
y na água nós vai descansar

nós não representa. nós apresenta múltiplos y simultâneos . uma y três cadeiras?
exú faz isso muito
desde hoje. a pedra...
já acertou faz tempo.

...

o sujeito não é substancia, mas processo, também a dimensão ética – cuidado de si – não tem substancia autônoma: não tem outro lugar nem outra consistência senão a relação de uso entre o homem e o mundo.

...

se deprender de soi-même[desprender- se de si mesmo]. O cuidado de si aqui dá lugar a um desapossamento e a um abandono de si, fazendo que ele volte a confundir-se com o uso.

...

Quem parece usar o corpo do outro sabe que está, de alguma modo, sendo usado pelo outro, para o próprio prazer(...)sádico e masoquista não são, no caso, duas substancias incomunicáveis, mas, tomados no uso recíproco de seus corpos, transitam de um para outro e incessantemente se indeterminam.

...

O masoquista 'se faz fazer' aquilo que sofre, é ativo em sua própria passividade. O sadomasoquismo exhibe, por conseguinte, a verdade do uso, que não conhece sujeito nem objeto, agente nem paciente.

...

O sujeito segue os rastros de um uso do corpo para além das cisões sujeito/objeto, ativo passivo...ele faz uso da própria dessubjetivação.

~~giorgio agambem~~

...

É uma espécie de criação...uma empresa criadora, entre cujas características está que denomino a dessexualização do prazer...é maravilhoso poder encontrar um corpo ao mesmo tempo tangível e fugitivo. Existe aqui uma possibilidade de dessubjetivação e dessualização

~~Foucault~~

as malungas

ola carnes irmãs, que partilham o devir.
olá carnes irmãs, que sentem tocar a maraca y o tambor
ola carnes irmãs, do tridente y da flecha

malunga y malungo, são como as carnes pretas nomearam aquelas que com elas cruzaram o atlântico, kalunga grande. corpos em irmandade, corpos “no mesmo barco”.

assim, malungas somos todas as carnes geradas pelo ventre dos tumbeiros, sepultados nas aguas renascemos malungas. nascidos da grande encruzilhada chamada atlântico, fomos paridos na terra sem males. erês feitos curumins. crianças do cruze de mar y sertão. crianças do sequestro y da invasão. do acoite y do porão. pindorama, perdida, nosso singular y múltiplo barco.

aquí, onde condenados cruzamos. aquí onde exu acerta sua pedra para que cablocos nasçam em luanda. para que oxossi acerte sua **uma flecha só**.

diálogo? dois? logos? fazemos gira. gira de muitas vozes, onde falam 3 y mais. entre a pergunta y a resposta, há o cavalo.

somos aquelas que nunca andam sós.

malungas, giramos para unir os originários. caboclas, nossas agora ancestrais. cruzamos pindorama y aruanda, palmar y luanda. laroyê.

malungas, pretos do mar y da terra, sentamos no ogó de exu, rumo a terra sem males, onde o céu não cai, porque nós levanta, com vara grande de catar estrelas.

pretos do mar y da terra, onde as pretas manda, luta y amamenta. ayabas, icamiabas, candaces. aquí onde dandara reina. aquí onde mãe é chefe y pai é guia. aquí onde édipo deu meia volta.

quando a universidade for decolonía, preta velha será reitora.

malungas, pretas y pretos, do mar y da terra, amefricanos que falam pretoguês, nós estamos no mesmo barco. y as rainhas do mar são nossas. gêmeos, os pretos do mar y da terra, são um só barro. ibejí. barro pra refazer a humanidade. seja lá o que isso for. para pra espalhar y brincar. pra criar brinquedo com a alma. pra ser cavalo do cosmos.

jurema.

a cada 23 minutos
um minuto

a cada 23 minutos
um minuto de vozes negras

a cada 23 minutos
um minuto de vozes negras y indígenas tocavam alto
com seus corpos tambores

tocaram alto com seus corpos tambores y berimbaus y tamborins y pandeiros y
cuícas

tocaram 1 minuto no mesmo prédio onde
tocam alto vozes brancas
o dia todo
com seus universais pianos, violinos y afins
ondem tocam alto
o dia todo
vozes brancas
com seus universais pianos, violinos y afins

quais vozes y sons atrapalham as aulas?
quais vozes y sons atrapalham o saber?
saber-poder

o dia que o morro descer
não haverá baquianas

_zaratrustra: eu só adoraria um deus que soubesse dançar.

_exú: funk ou samba?

toque de
são bento grande de angola

~~paulo cesar pinheiro~~

nesse mundo camará
mas não há, mas não há
mas não há quem me mande
eu só sei obedecer
se mandar
se mandar são bento grande

é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola
é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola

meu avô já foi escravo
mas viveu com valentia
descumpria a ordem dada
agitava a escravaria
vergalhão, corrente, tronco
era quase todo dia
quanto mais ele apanhava
menos ele obedecia

é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola
é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola
é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola

quando eu era ainda menino
o **meu pai me disse** um dia
a balança da justiça
nunca pesa o que devia
não me curvo a lei dos homens
a razão é quem me guia
nem que **seu avô mandasse**
eu **não obedeceria**

é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola
é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola

esse mundo não tem dono
e **quem me ensinou sabia**
se tivesse dono o mundo
nele o dono moraria
como é mundo sem dono
não aceito hierarquia
eu não mando nesse mundo
nem no meu vai ter chefia

é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola
é de angola, é de angola, é de angola
de angola, de angola, de angola

édipo? complexo...hahaha

toque de são bento pequeno
paulo cesar pinheiro

no coração contra o veneno
a proteção é são bento pequeno
no coração contra o veneno
a proteção é são bento pequeno

numa roda de gente eu sou pacato
numa briga de morte eu sou sereno
arrodeio valente que nem gato
estudando primeiro seu terreno
camará mas depois que eu tomo tato
essa briga de morte vira treino
eu derrubo malandro mas não mato
foi meu trato com são bento pequeno

o crioulo me diz que eu sou mulato
o branquelo me diz que eu sou moreno
tem quem diga que eu sou bicho do mato
porque me fazem mau, mas eu não temo
nem com furo de bala não me abato
nem com corte de faca muito menos
pois meu corpo eu fechei com um retrato
da medalha de são bento pequeno

camará capoeira eu sou de fato
quando chamam bezouro, eu olho e asceno
quem quer briga jamais deixo barato
já começo com o pé no duodeno
com meu santo aprendi e sou grato
e ele foi protetor do nazareno
hoje protege a mim e eu cumpro trato
com respeito a meu são bento pequeno

toque de tico-tico
~~paulo cesar pinheiro~~

eu em chão de senzala não fico
me tira daqui, tico-tico
é no pé, é na asa, é no bico
me tira daqui, tico-tico

pau que dá em francisco, dá em chico
me tira daqui, tico-tico
quando o galo cantar eu me pico
me tira daqui, tico-tico

camará, ninguém dá tombo
num guerreiro de guiné
vamo embora pro quilombo
lá de ilha de maré

não nasci pra capacho de rico
me tira daqui, tico-tico
não sou besta de carga ou jerico
me tira daqui, tico-tico

capoeira **escondido eu pratico**
me tira daqui, tico-tico
pra lutar com feitor e milico
me tira daqui, tico-tico

todo mundo é rei sem trono

não se vive na corrente
passarinho não tem dono
nem gente é dono de gente

é com quem tem poder que eu implico

me tira daqui, tico-tico

com pancada eu não me modifico

me tira daqui, tico-tico

pra parar de bater não suplico

me tira daqui, tico-tico

vou morrer mas não peço penico

me tira daqui, tico-tico

sou guerreiro de aruanda

beira-mar é que me guia

quem comigo sempre anda

é o besouro da bahia

camará, ninguém dá tombo

num guerreiro de guiné

vamo embora pro quilombo

lá de ilha de maré

carol.

carolina cerqueira.

que é carolina I.

sim, porque em seu desejo, sua filha

carolina segunda, será.

carolina I, quer que sua cria, como ela agora, saiba pra onde voltar.

porque alguns nomes chegam antes, mesmo quando vêm depois.

vermelho não é branco.

isso já deve ter ficado escuro.

os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as praticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação enquanto sujeitos, que a historia determinou como masculinas, femininas ou perversas. por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também os benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas praticas significantes.

...

o nome contrassexualidade provem indiretamente de michel foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (como aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual antirepressivos dos anos setenta), e sim a contraproductividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna. as praticas contrassexuais que aqui serão propostas devem ser compreendidas como tecnologias de resistência, dito de outra maneira, como formas alternativas de contradisciplina sexual.

...

a contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, hetessexualidade/homossexualidade. ela define a sexualidade como tecnologia, e considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas praticas e identidades sexuais, não passam de maquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos, usos, desvios...

...

a contrassexualidade afirma que no principio era o ~~dildo~~, o dildo antecede o pênis. é a origem do pênis. a contrassexualidade recorre a noção de “suplemento” tal como formulada por jacques derrida, e identifica o dildo como o suplemento que produz aquilo que supostamente deve completar.

paul beatriz preciado

os revolucionários , os artistas e os videntes,
se contentam em ser objetivos, tão somente objetivos: sabem que o desejo abraça a vida
com uma potência produtora gilles deleuze felix guattari a reproduz de uma
maneira tanto mais intensa quanto menos necessidade ele tem. pior para aqueles que
acreditam que isso é fácil de dizer, ou que é uma ideia livresca.

das
poucas
leituras
que tinha feito,
tirei a conclusão
de que os homens que mais
mergulhavam na vida,
que se moldavam a ela,
que eram a própria vida,
comiam pouco,
dormiam pouco,
possuíam poucos bens
se que os tinham.
não mantinham
ilusões em matéria
de dever,
de procriação
voltada aos limitados
fins de perpetuação
da família
ou da defesa
do estado...

~~henry miller~~

4 caminhos - encruzilhada: pequenas escrivências de liberdade

Depois do levante

Quando existimos na brecha, retomar ou resgatar vozes no passado é, ao mesmo tempo, o alívio da descoberta de que não estávamos realmente sozinhos, e a angústia frente a compreensão do esquecimento que se tem como futuro. Existir para além da brecha é poder despir a fantasia de sacrifício e herança simplificada, mas a violência opera de tal maneira que parece sempre sujeitar sem muito esforço. Sem o poder do controle do futuro, a liberdade se torna uma ilusão passageira. Liberdade que não deveria depender de permissão, mas ser inseparável do direito. Observo as falsas liberdades e as liberdades reais.

Em 2018, fiz uma intervenção, que podemos chamar de arte, em um edifício com histórico de violência contra pessoas não-brancas. Um edifício listado como um patrimônio. Minhas intervenções foram feitas em papel. O edifício era de pedra. Mas meu espírito já sabe pra onde voltar.


Carolina I

4 caminhos - encruzilhada: pequenas escrevivências de liberdade

Teatro-ritual e prática da liberdade.

Das muitas liberdades, a que agora mais me importa está em guerra. A liberdade que me dança é o passo cantado pelos poros e olho do cu de um corpo-sem-órgãos contra-coreográfico. Eu sou um filho parricida do teatro, não daquele em que cantava o bode, mas desse fétido letrado. E que difícil libertar-me e que difícil não é em um país cuja quinta arte não chega a ser a décima escolha. Depois de matar o pai fui pro mato, o último de três percursos libertários – presentes em minhas vivências artísticas – que brevemente cartografo:

1º (des)Ato – A liberdade da forma, a queda do palco, o rasgo na letra, o desnudo espaço, o encontro dos ensembles, o jogo, o rito, o pulso! Jovem livre dançante.

2º Ato(r) – Ela me diz contente que se achou no teatro, que se encontrou consigo mesma. Eu, enfaticamente, discordo. Não do que ela sente, mas do que enxerga como a potência do teatro, pois, ele, como o vejo, não é lugar de encontros essenciais com um Eu oculto, mas, ao contrário, um lugar de criação de si e de desmoronamento das ilusões erigidas pelos aparelhos de subjetivação dominantes. A potência libertária do teatro não está na identidade, mas na diferença e na capacidade infinita de recriar-se.

3º MAto– Do canto da minha pia um riacho onde espíritos d'água seguem acapella com o chocalho-cobra que escrevi no caderno de sonhos. A língua dos Puri me lambe o beíço, e a língua do fogo namora minha cintura de mulher de onça. Eu ritualizo meus dias, crio feitiços e encantamentos. O defunto rígido e eu dançando a alegria fluida dos encontros.


Way Pury

4 caminhos - encruzilhada: pequenas escrivências de liberdade

galinha de afogar patos n°2

12 de abril de 1861.

iluminado pela luz da candeia, gemia um corpo algemado ao nomeado tronco. as costas, suor e sangue. que nomes chamava? não se podia escutar. seu crime fora, se havia, antes de tudo, nascer. escuro. mas se atrevimento já não lhe faltasse, havia cometido o crime de comer frutas do pomar. plantados pelos seus.

em murmúrio, o vento apagou a candeia e, no breu, sussurrei em seu ouvido. ele se mexeu sentindo minha presença:

_não tema meu malunga, venho em paz. o que me chamou foi teu atrevimento. tua coragem de atihar a escravaria.

não que teu lamento fosse menos digno. que tua dor menos sincera.

e pude ver no breu da noite, entre o breu de sua pele, entre o rubro de sua boca, seu sorriso. Refletida lua.

e se o oco dos ouvidos ouvisse e se o oco da cabeça soubesse e se no oco das veias pulsasse, a cifra seria sentida. Dalí não saiam lamurias, mas batidas de um são bento pequeno.

_daqui de onde venho não posso te ajudar. Com mandingas de meu tempo não posso tuas correntes quebrar. E não lamentarei tua sina mais que vós mesmos. Não darei vitória a covardia que tenta sob o tempo prender a vida e a jornada. no entanto sussurro agora em teus ouvidos, o encanto de outras vindas:

_moço, nos idos de 12 de abril de 2019 anos brancos, nós que agora somos apenas uma imagem tremeluzente, vamos entrar atrevidos pela porta da frente.

sim! pela porta da frente da casa grande, desta fazenda tapera que vão chamar de sitio malícia. nós que somos 3, que aqui seremos chamados preto, invadiremos a casa grande. e dela faremos sede, de nossa memória.

preto, encheremos sua sala de terra, que já foi sem males, que já foi jardim de parentes puris e coroados.

sim! plantaremos tantas memórias quantas as voltas da árvore do esquecimento, tantas quantas as 9 dos negros, tantas quantas as 7 das negras.

e testemunhas serão de nossa malícia.

de invadir o impossível, semear o inimaginado.

sim, meu malunga, venho saudar teu atrevimento e teu são bento, grande e pequeno, fazendo deles meus.

e sob o som destes que nasceram para ser tambores, me afastei. retornando a este tempo. sentindo as feridas se fechando nas costas. se não as dele, as nossas.

“esú é aquele que acertou o pássaro ontem, com a pedra que lançou hoje”

~~Vermelho~~

4 caminhos - encruzilhada: pequenas escrivências de liberdade

eu quero fazer o haiti, 14 de agosto de 2020-1791

é tempo. cada gira, quilombo, encontro de pretos seja o nosso ritual estratégico de levante e transformação. eu quero fazer o haiti. destruir a plantation cognitiva em que estamos ainda presos, nos libertar pelos nossos termos, saberes e corpos.

saia daqui a dominação intelectual que nos deixa apenas a brecha como lugar de existência. como podem nos querer a um canto, quando construímos e somos tantos? não. eu quero fazer o haiti dos heróis de saint domingue, o haiti que fez aqui a supremacia branca tremer. que a supremacia branca intelectual trema. já está, já sabe que estamos aqui. entramos, tomamos, é nosso. ainda disputamos, todos os dias a guerra acontece a cada ato, plantamos memórias, aprendemos a ler para ensinar aos camaradas que virão.

só que ainda, a cada 23 minutos, um de nós tomba. são muitas as frentes dessa revolta, são muitos os nomes, corpos e identidades que se vão na simples tarefa de existir, na maior ousadia de viver, no não lugar brasileiro que ocupamos. somos, mas não nos consideram.

eu quero fazer o haiti: que o brasil seja a terra dos pretos e povos originários. e que todos nós sejamos brasileiros de fato.


lorraine mendes

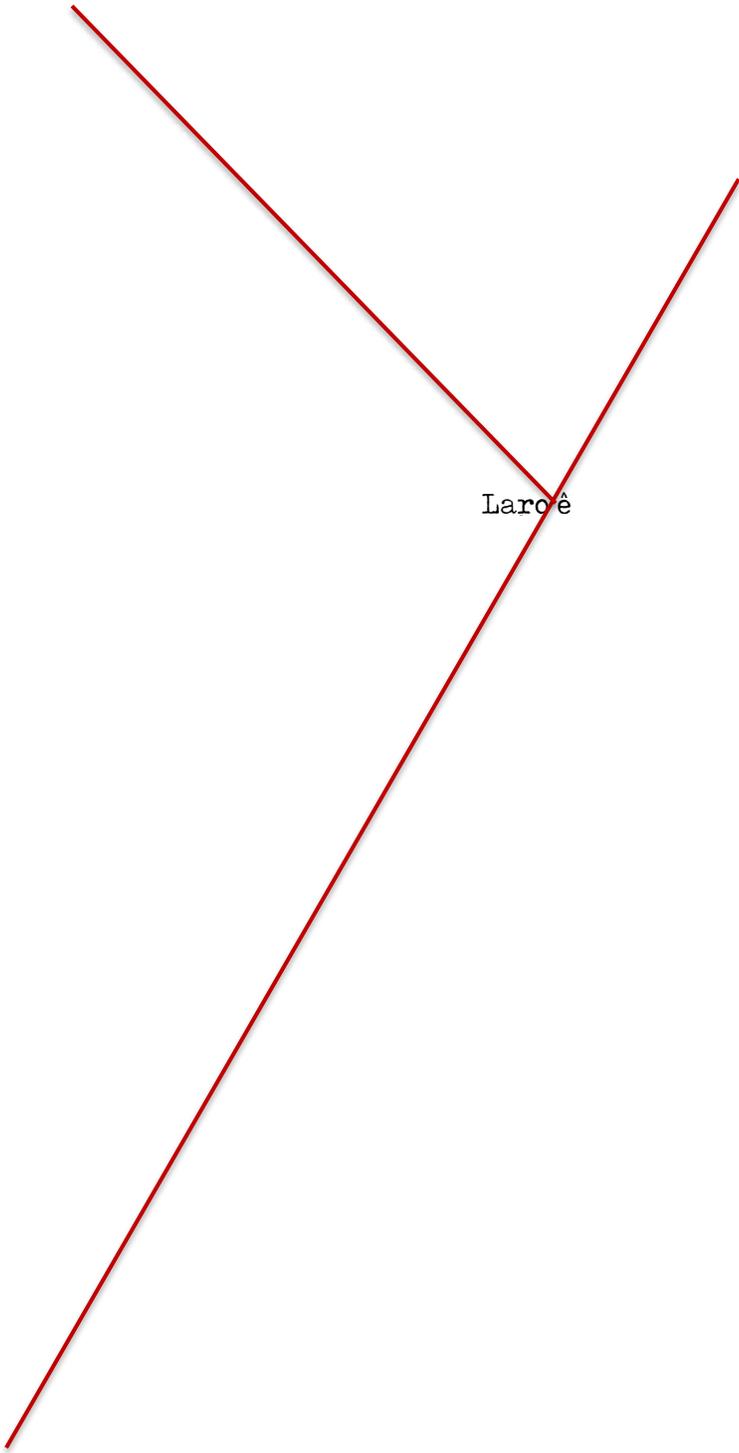
4 caminhos - encruzilhada: pequenas escrevivências de liberdade

Quando os tumbeiros cruzaram o atlântico, eles, fatalmente, o transformaram em uma grande encruzilhada. Ao produzirmos nessa consciência, chamamos a episteme branca para o mato, promovemos o cruze entre a narrativa hegemônica e os saberes negros e indígenas, e bradamos, numa batalha pela narrativa e pela abertura de caminho. Partindo de perspectivas outras, não-eurocentradas, pensamos o corpo - coletivo e individual - que performa na e a tradição de terreiros e rodas e se faz presente nos dias que seguem; esses corpos marginalizados, prenhes de conhecimento obliterado, pedem passagem como na saudação de exú.

Abra-se espaço em salas, laboratórios, galerias, telas, palcos e ruas. Somos corpo, pele, língua e linguagem. Operando por meio de nossos próprios sistemas simbólicos e de conhecimento, sopramos aos ouvidos surdos da ciência branca do norte global palavras mágicas, encantamentos, contra-feitiços que nos façam escutado.

É um terreiro de pesquisa decolonial dentro do cenário atual brasileiro, no presente caso a universidade federal de juiz de fora.

Ass. Laroé



Lardè

te esperamos na esquina

diante de tudo que nós experimentou y leu y viu y escutou y girou y transou y recebeu y
percebeu y afectou y deu y comeu y traduziu y andou...

as referências bibliografias perderam seu sentido de estar.
mas se fizerem questão...elas podem achar.